Universidades Lusíada

Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, 1958-

Wenceslau de Moraes e a Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905

http://hdl.handle.net/11067/5531

Metadados

Data de Publicação 2009

Resumo Wenceslau de Moraes, cônsul português em Kobe e Osaka, foi um observador privilegiado da guerra entre a Rússia e o Japão (1904-1905). A análise das “Cartas do Japão” permite-nos obter uma visão original do pensamento Ocidental, confrontado com uma civilização diferente. A sua paixão pelo Império do Sol Nascente não o impediu de ter uma percepção das complexas realidades sociais e políticas do Extremo Oriente, nos início do século XX. O presente artigo procura transmitir, ao leitor, as sua concep...

Wenceslau de Moraes, Portuguese consul at Kobe and Osaka, was a privileged observer of the war between Russia and Japan (1904-1905). The “Letters from Japan” allowed an original vision of the Occidental thinking, facing a different civilization. His Japan’s passion had not disturbed the capacity of understanding; the Far East’s complex social and political reality at the twentycentury’s beginning. The actual article wanted give to the reader the author’s world perception and his reflections abou...

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 05-6 (2009)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T09:37:15Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

WENCESLAU DE MORAES E A GUERRA RUSSO-JAPONESA DE 1904-1905

Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da Silva
Universidade Lusíada de Lisboa
jrodriguessilva@sapo.pt

Resumo

Wenceslau de Moraes, cônsul português em Kobe e Osaka, foi um observador privilegiado da guerra entre a Rússia e o Japão (1904-1905). A análise das "Cartas do Japão" permite-nos obter uma visão original do pensamento Ocidental, confrontado com uma civilização diferente. A sua paixão pelo Império do Sol Nascente não o impediu de ter uma percepção das complexas realidades sociais e políticas do Extremo Oriente, nos início do século XX. O presente artigo procura transmitir, ao leitor, as sua concepções do mundo, a par das suas reflexões sobre a mentalidade militar mentalidade de russos e nipónicos.

Palavras-Chave

Pátria / Guerra / Decadência / Liberdade / Ásia / Ocidente

Abstract

Wenceslau de Moraes, Portuguese consul at Kobe and Osaka, was a privileged observer of the war between Russia and Japan (1904-1905). The "Letters from Japan" allowed an original vision of the Occidental thinking, facing a different civilization. His Japan's passion had not disturbed the capacity of understanding; the Far East's complex social and political reality at the twenty-century's beginning. The actual article wanted give to the reader the author's world perception and his reflections about the warfare mentality between Russian and Japanese.

Key words

Fatherland / War / Decadence / Liberty / Asia / Occident

JJCRS.indd 57 14-09-2009 14:05:11

1. *Fin de Siècle*, Fim de Reinado

A guerra russo-japonesa (1904-1905) foi o primeiro conflito militar do século XX e, paradoxalmente, o último do século XIX. As inovações estratégicas e tácticas oriundas, em boa medida, da utilização dos novos armamentos, conviveram com concepções de guerra mais tradicionais. Os desajustamentos saldaram-se em terríveis baixas nos combates terrestres e navais. Os observadores dos países neutrais não se aperceberam, inicialmente, da modernidade deste confronto militar nem das suas consequências futuras. Com efeito, a guerra das nações-estado, num mundo de potências fortemente industrializadas e de uma cultura de massas, só podia conduzir ao grande massacre da 1.ª Guerra Mundial (1914-1918). A clarividência não dominou as elites mundiais da época preocupadas somente com a súbita e inesperada emergência do Japão como nova potência hegemónica no Extremo Oriente. A possibilidade do "longo século XIX" poder acabar abruptamente numa enorme catástrofe internacional parecia-lhes remota senão mesmo impossível. Os europeus e os americanos gozavam ainda o enganador "Verão Indiano" da *Belle-Époque* e saboreavam os frutos do progresso económico, social e científico trazido pela Era Vitoriana[1]. As perspectivas optimistas predominavam na percepção do futuro e as reflexões pessimistas surgiam dos espíritos mais contestatários dos valores burgueses da civilização ocidental. O facto de se encontrarem em dissidência cultural e/ou política tornava-os mais abertos à mudança e capazes de detectar os sinais das profundas transformações, em curso, nos primórdios do século XX. A heterodoxia ideológica e cultural destes homens tornava-os especialmente aptos para compreenderam o novo mundo que estava a nascer na Ásia e, no qual, o Japão iria desempenhar um papel essencial e trágico na primeira metade do novo século.

O conflito decorreu num período da História de Portugal, marcado por alterações sociais e políticas importantes que desembocaram dramaticamente no Regicídio de 1908 e na Revolução Republicana do 5 de Outubro de 1910. O reinado de D. Carlos I (1889-1908) aproxima-se do seu período final e assiste-

[1] Cfr. Weber, Eugen, França Fin-de-Siècle, São Paulo, Editora Scwarcz, Ltda./ Campanha das Letras, 1989, p. 9-16 e também Hobsbawm, E. J., A Era do Império 1875-1914, Lisboa, Ed. Presença, 1990, p. 374 - p. 420.

JJCRS.indd 59 14-09-2009 14:05:11

se à maturação e desenvolvimento do fenómeno político do *franquismo*[2]. A experiência política de João Franco foi a última oportunidade de renovação da monarquia constitucional em três questões essenciais: transformar a estrutura clientelar dos partidos políticos, reformar o sistema parlamentar e conquistar o espaço social do partido republicano. A nova conjuntura decorre, *grosso modo*, entre 1901 e 1908, alcançando o momento mais crítico nos anos de 1906 a 1908 que coincidem com a passagem pelo poder de João Franco. A interpretação desta experiência pode ser feita, acentuando os aspectos de continuidade com o passado e a tradição constitucional, em termos do "fracasso do reformismo liberal" e da "revolução de cima"[3]. Também pode ser considerada uma antecipação ou "embrião do «autoritarismo moderno»", destinado a sucessivos "ressurgimentos" e desembocando no Estado Novo[4]. A ambiguidade do projecto *franquista*, semelhante à dupla face de Janus, pertencendo, simultaneamente, ao passado e ao futuro, explicará a diversidade das análises do fenómeno político. Seja como for, tornou-se no centro da vida nacional e, logicamente, condicionou ou, pelo menos, não deixou de ter certo peso na formulação da política externa lusa e, nomeadamente, nas análises da guerra russo-japonesa (1904-1905).

Os oficiais do exército e da armada foram os observadores mais qualificados do conflito do Extremo Oriente, acompanhando intensamente o desenrolar dos acontecimentos bélicos. As suas opiniões, expressas sobretudo na imprensa militar permite-nos ter uma ideia das concepções teóricas que fundamentavam a visão da guerra. As análises produzidas demonstram que possuíam uma adequada informação das inovações estratégicas e tácticas da época e da evolução política no Extremo Oriente. Contudo, o desconhecimento directo do teatro das operações e das potências em confronto, era generalizado sobretudo no que se refere ao misterioso ou pouco conhecido Japão. Como sempre a excepção confirma regra, sendo o comandante Polycarpo de Azevedo o caso mais evidente, pois conhecia o Império do Sol Nascente, graças ao auxílio e amizade de Wenceslau de Moraes (1854-1929), e pudera, em 1903, inteirar-se dos preparativos da marinha de guerra nipónica.[5]

---

[2] Cfr. Ramos, Rui, *D. Carlos 1863-1908*, Lisboa, Círculo Leitores, 2006, p. 226-303.

[3] Cfr. Ramos, Rui, *João Franco e o Fracasso do Reformismo Liberal (1884-1908)*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2001, p. 171-193 e também Ramos, Rui, *D. Carlos 1863-1908*, Lisboa, Círculo Leitores, 2006, p. 226-303.

[4] Cfr. Sardica, José Miguel, A Dupla face do Franquismo na Crise da Monaqruia Portuguesa, Lisboa, Edições Cosmos, 1994, p. 72-106.

[5] Cfr. Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, "A Revista Militar e a Guerra Naval Russo-Japonesa (1904-1905)", Revista Militar, II Século – Ano 59 – N.º 1- N.º 2460, Lisboa, Empresa da Revista Militar, Janeiro de 2007, p.139-174. E também: "Ha cerca de um ano tive a fortuna de visitar um destes estabelecimentos particulares, em Kobe, em companhia do meu distinto camarada e hoje membro da comissão de redacção destes Anais, o sr. capitão-tenente Polycarpo d'Azevedo.
Em quanto que íamos passando em revista tantos aparelhos e máquinas da moderna industria da arte naval, ia exclamando o meu companheiro, em forma de pergunta: - «Mas para que quererão estes japoneses tanta coisa?!...».
O tempo se encarregou de responder-lhe.

JJCRS.indd 60 14-09-2009 14:05:11

2. O cônsul de Kobe e Osaka

A percepção nacional deste confronto militar, dos primórdios do século XX, não ficaria completa se não recorressemos a um observador privilegiado vivendo no Extremo Oriente há anos. A compreensão das realidades políticas e militares ganharia uma nova visibilidade por parte de um analista situado no interior do universo cultural e mental de um dos contendores, neste caso o Japão. Wenceslau José de Sousa Moraes, cônsul de Kobe e Osaka, desde 1899, e com larga experiência anterior em Macau, era sem dúvida a pessoa mais indicada para o efeito[6]. O seu trajecto pessoal foi construído em torno de um progressivo distanciamento do país natal e de uma crescente "japonização". As desilusões profissionais resultantes, principalmente da preterição por oficial de patente inferior, embora mais antigo na Capitania do porto de Macau, marcaram-no profundamente e explicam, sem dúvida, a ruptura com a Pátria no final da existência[7]. Deste drama individual nos deixaram testemunho alguns dos seu amigos mais fieis, entre os quais se destaca Vicente Almeida d'Eça[8]. Todavia, o aparente "pessimismo nacional" de Wenceslau de Moraes misturava-se, ainda nesta época, com um desejo de regeneração do país bem patente na seguinte missiva para o mesmo em 1902:

"(...) Perfeitamente de acordo: temos nós portugueses, defeitos grandes, mas os outros também os têm de toda a ordem. Veja o que deu a revolta na China: um descredito para todas as forças estrangeiras. Veja a conduta infame dos ingleses na África; aquele grupo de boers é que está dando um exemplo deslumbramento de abnegação, de valor, de patriotismo ! Etc. Etc. De que nós precisávamos apenas era de um novo impulso de vigor, para não dormimos tanto. (...)"[9].

As *Cartas do Japão* escritas para *O Comércio do Porto* são um testemunho exemplar deste facto, a par de outras publicações, como os *Serões do Japão* e a correspondência oficial e particular coetânea. Antes de examinarmos o estado de espírito do escritor, no período da guerra russo-japonesa (1904-1905), importa

Desculpe-me o meu benevolente camarada esta deferência, ditada pelo desejo egoísta de numerar em letra redonda a sua passagem por Kobe, a qual tão agradável me foi.", W. de Moraes, "Como se faz o oficial, de marinha, japonês", Anais do Clube Militar Naval, Lisboa, Tip. da Empresa da História de Portugal, n.º7, Julho de 1904, p.395, nota 1. E ainda: "(...) Acabam de passar por aqui, em viagem de regresso ao reino, via América, os camaradas Polycarpo de Azevedo e Elysio dos Santos. Muito estimei vê-los, por vários motivos, sendo um deles a excepção que me ofereceram de falar com compatriotas. Estimarei que se encontra com o Azevedo, que leva muitos cumprimentos mas para o meu Amigo: ele, que viu arsenais construtores, costumes indígenas, Exposição [Osaka], secção portuguesa, etc; muito lhe poderá contar do Japão. (...)", Dias, Jorge, ob. cit., p. 75.

[6] Cfr. Ferreira, Luiz Gonzaga, Wenceslau de Moraes, o Diplomata, Lisboa, Instituto Camões/Nova Veja e Autor, 2004, p. 37-75.

[7] Cfr. Ferreira, Luiz Gonzaga, ob. cit., p. 37-47.

[8] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Cartas do Japão – II Um Ano da Guerra (1904-1905). Com um prefacio de VICENTE ALMEIDA D'EÇA, Porto Livraria Magalhães & Moniz–Editora, 1905, p. XVI.

[9] Cfr. Dias, Jorge, [Intordução, transcrição, notas e comentários] Mensagens de Honshu e de Shikoku: A correspondência de Venceslau de Morais para Vicente Almeida D'Eç,.Macau, Instituto Português do Oriente, 1998, p. 34-35.

JJCRS.indd 61 14-09-2009 14:05:11

entender que a razão de ser das *Cartas do Japão* tinha, inicialmente como objectivo satisfazer o pedido de Bento Carqueja, editor do *Comércio do Porto*, para fornecer informações sobre o país e promover as relações entre Portugal e o Japão[10]. Estas intenções iniciais foram depressa ultrapassadas pela sua paixão pelo país de adopção e pelos acontecimentos internacionais da época que deram uma nova actualidade às suas crónicas: a Exposição Internacional de Osaka e a Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905. As ligações afectivas ao país natal mantêm-se e as observações, ou referências, são ainda marcadas pelo patriotismo e pela saudade, tão portuguesa.. No primeiro caso, estará o apoio que dá ao possível envio ao Extremo Oriente de cruzadores portugueses para proteger os cidadãos nacionais residentes na China, Coreia e Japão, no contexto da guerra internacional entre japoneses e russos[11].

A preservação do prestígio nacional, no conceito da sociedade das nações, é também uma prioridade que o estatuto de neutralidade no conflito não limita e que a existência de Macau impõe[12]. No entanto, o mais importante será fazer sentir a presença do nosso país em terras tão longínquas[13]. A bandeira nacional, ondulando nos portos longínquos do Extremo Oriente, traduz a vontade de existir de uma nação que assim pretende afirmar a sua importância internacional. É, nesta perspectiva, que vê com aparente satisfação a atitude do governo enviando uma força naval para o Extremo Oriente:

"É caso para nos congratularmos por ter o governo português tão bem compreendido que no momento presente era brio nosso acompanharmos as demais nações da Europa na sua representação naval nas proximidades do tremendo conflito que se fere.

Agora, o que será para desejar é que os dous cruzadores *cruzem*, não se limitando a um fastidiosa e inútil permanência em algum porto chinês; e que mostrem a sua bandeira nos principais portos da China, da Coreia e do Japão, no que prestarão um alto beneficio ao prestigio do nome português. Aqui os esperamos com muita satisfação."[14]

Os seus desejos realizam-se, em parte, sendo com satisfação que descreve a presença do cruzador Adamastor no porto de Chefu, no seguimento da batalha naval de 10 de Agosto de 1904, entre russos e nipónicos [15][15]. As esperanças da

[10] Cfr. Dias, Jorge, ob. cit., p. 222.

[11] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 2 de Março de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 8-9.

[12] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 2 de Março de 1904, ob. cit., p. 9-10.

[13] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 2 de Março de 1904, ob. cit., p. 10-11.

[14] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 17 de Maio 1904, ob. cit., p. 92-93. Tal facto o não impede na correspondência para Vicente Almeida d'Eça de demonstrar o seu posterior desapontamento com as autoridades nacionais. Aliás, bem presente em Moraes, Wenceslau de, Carta de 16 de Maio de 1904, ob. cit., p. 123: "(...) Consta-me que os nossos 2 cruzadores vão juntamente criar ostras para Xangai. Misérias nossas !... Isto já não se endireita. (...)".

[15] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 18 de Agosto de 1904, ob. cit., p. 152-153.

JJCRS.indd 62 14-09-2009 14:05:11

presença dos navios de guerra portugueses no Japão em breve se dissipam, deixando-o amargurado por ver frustrados mais uma vez os seus esforços de aproximação entre Portugal e o Império do Sol Nascente. O comércio continua a ser escasso entre as duas nações, apesar dos esforços para atrair as firmas portuguesas e, apenas, a pontual passagem de funcionários nacionais permite acalentar alguma expectativa, no incremento futuro das relações entre os dois países[16].

O patriotismo de Wenceslau de Moraes afirma-se também na referência a actos de heroísmo recentes no Oriente, neste caso específico - Macau[17]. A incursão na história recente desta colónia portuguesa, na China, justifica-se pela referência a duas singelas aguarelas que descrevem o heroísmo exemplar do tenente Mesquita, ao salvar a cidade, após o assassinato do governador Amaral, tomando as Portas do Cerco (24/08/1849) e o forte de Passaleão (25/08/1849)[18]. O destino trágico deste herói, esquecido pela Pátria, é o de todos os exilados voluntários ou involuntários que povoam o inconsciente nacional e parecem assombrar o passado de Portugal. Experiência não estranha a Wenceslau de Moraes que revê a sua tragédia pessoal na desgraça do tenente Mesquita, mas que não o impede de reafirmar o seu patriotismo, citando a inscrição das Portas do Cerco:

"(...) Este grande feito de armas está comemorado no arco triunfal das Portas do Cerco, onde se lê: - «Honrai a pátria, que a pátria vos contempla».[19]

A possibilidade de regeneração não se encontra ausente do horizonte nacional e pode ser um objectivo viável para Portugal. Porém, exige força de vontade que não se compadece com a passividade e a nostalgia dominante nos seus concidadãos. O exemplo do povo japonês poderá ser um precioso incentivo para a nação lusa[20]. Não implica, tal atitude, a recusa da saudade, tão portuguesa, pela terra-mãe e deste ponto de vista Wenceslau de Moraes não esquece o Natal familiar da sua infância[21]. A conversão ao universo cultural japonês atenua-lhe a saudade de Portugal, pelo menos, no caso da passagem do Ano Novo. Todavia, existe um aspecto, da arte de ser português, que não tem correspondência no modo de ser japonês e que se recusa a abandonar, guardando-a como um precioso património nacional: a franca boémia portuguesa. A passagem pelo Japão de três jovens oficiais da marinha e do exército permite-lhe dar azo a essa autêntica

[16] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 26 de Outubro de 1904, ob. cit., p. 226-227.

[17] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 14 de Outubro de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 168.

[18] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 14 de Outubro de 1905, ob. cit., p. 168-169.

[19] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 14 de Outubro de 1905, ob. cit., p. 172.

[20] "Mas poderá muito mais acontecer: o exemplo do esforço hercúleo, sem precedentes, que representa a evolução social japonesa nos últimos cinquenta anos, é contagioso, quando a simpatia facilite a propagação; este exemplo poderá acaso vir sacudir os nossos nervos de heróis adormecidos e nostálgicos, incutindo-nos desejos novos de trabalharmos mais pelo nosso bem. (...)". Moreas, Wenceslau de, Carta de 10 de Agosto de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães &Moniz – Editora, 1905, p. 141.

[21] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 08 de Janeiro de 1906, A Vida Japoneza: Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906), Porto, Lello & Irmão, 1907, p. 219-220.

JJCRS.indd 63 14-09-2009 14:05:11

alegria nacional que tanta falta lhe faz no Extremo Oriente:

"Há alguns dias, escancarou-se de repente a porta que dá ingresso ao aposento onde me achava, como se uma forte rajada de vento assim a impedisse. Rajada era, mas não de vento: rajada de alegria juvenil do meu país, de franca boémia portuguesa, personificada em três viajantes distintos, os Srs. Dr. Jaime Salgueiro, médico da armada, e os oficiais do nosso exército Antero Taborda e Cristóvão Aires (*filho* -, como este com justo orgulho se intitula, para fazer logo recordar o nome muito prestigioso do *pai*). Estes três moços vinham de Macau, onde serviram, e recolhiam à pátria, via Japão e América.

Ora – chamem-me egoísta se quiserem – se tenho teimosamente labutado pela introdução directa da nossa cortiça neste Império, ainda prefiro à cortiça este outro *artigo*, isto é, a visita de gente amável da minha boa terra."[22]

A ironia presente nestas últimas palavras remete-nos para a imagem que nos dá da sua pessoa nas *Cartas do Japão* e que é, paradoxalmente, revelada através da transcrição de um excerto do jornal japonês "Kobe Yushin Nippon" sobre os cônsules estrangeiros de Kobe[23]. Imagem pueril, resultante da visão de uma outra cultura e civilização que valoriza, aparentemente, as pequenas coisas da vida que revelam o mundo complexo da personalidade individual, da qual sobressai a ideia de que é um "homem estudioso". No entanto, este auto-retrato completa-se num texto posterior sobre os estrangeiros residentes no Japão, a sua capacidade de olhar e de reconhecer o valor da diferença, em total oposição ao europeu, identificado com o inglês e estranho a universos culturais diferentes. A heterodoxia do seu comportamento pessoal que se insere com naturalidade na sociedade japonesa do seu tempo, não é a atitude de um excêntrico.

"Um tal sujeito poderá viver evidentemente no Japão, como em outro qualquer sitio, reduzido ao aprazimento dos olhos; uma espécie de homem-farol – permita-se-me a imagem – mas farol para ver e não para ser visto, elevado sobre o árido rochedo ideal de si mesmo. Para estes olhos – e alguns tenho encontrado nas condições descritas, - para tais olhos, o espectáculo do Japão e do seu povo é fascinante !..."[24].

Imagem completa das suas desilusões pessoais e da sua capacidade de ultrapassar os desenganos da vida para se japonisar. Daí a metáfora do homem-farol para ver e não ser visto, apagando a sua existência e personalidade até ao

[22] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 23 de Junho de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 84-85.

[23] "« O cônsul de Portugal snr. Moraes está agora acumulando as funções de cônsul de Itália; o seu consulado encontra-se agora estabelecido numa casa nova (...). No consulado português encontram-se, entre varias curiosidades, algumas pinturas chinesas e japonesas, um canário numa gaiola e salamandras num vaso de vidro cheio de água; o cônsul é homem estudioso.»", Moraes, Wenceslau de, Carta de 31 de Agosto de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 172.

[24] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 12 de Dezembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 268.

JJCRS.indd 64 14-09-2009 14:05:11

limite, camuflando-se como camaleão na paisagem social ambiente e tornando-se o perfeito observador. Neste sentido se coloca a questão da imparcialidade na análise da guerra russo-japonesa[25]. Observador privilegiado pelo facto de desempenhar o papel de "comentador" vivendo no "seio do Japão", não afecta a sua objectividade[26]. Com efeito, o seu posto fica de tal forma distanciado do objecto de estudo que lhe permite comparar as suas análises ao método de um naturalista, situado no planeta Marte, e olhando a humanidade como se olhasse para um formigueiro:

"A Ásia acorda. O homem louro, da Europa e da América preferia sabê-la adormecida. Eu, não: sou louro também, mas a idade, os desenganos e a completa ausência de ambições pessoais desterraram-me deste mundo. Habito um outro planeta – o planeta Marte se quiserem; - e, do alto do meu observatório, relanceio com mera curiosidade de naturalista as lutas incongruentes do grande formigueiro irrequieto, que se convencionou chamar a Família Humana."[27]

3. Guerra e paz

O distanciamento olímpico face à Humanidade, reduzida a um fenómeno biológico e gregário, projecta-se obviamente nas suas reflexões sobre o conflito entre russos e japoneses. Em tom profético, encara o futuro como uma luta impiedosa, entre a Ásia e o Ocidente, pela sobrevivência que será o prelúdio de uma catástrofe mundial, descrita em termos apocalípticos. Deste *struggle for life* emergirá um novo homem:

" – Agora, umas ultimas divagações da minha lavra para concluir o artigo. A Ásia desperta. A Ásia, por uma lei natural dos destinos, inicia o seu trabalho de unificação, de afirmação. A Europa ainda não sente isso, mas presente ou recente. E estas ideias, nascidas de hoje, da harmonia europeia, manifestadas, já por alianças, já por convénios amigáveis, já por aspirações pacificadoras, nas quais se pretende adivinhar os progressos do bem, a tendência à dulcificação do sentimento humano, não representarão mais talvez do que a labuta inconsciente mas instintiva, soberanamente egoísta mas justificável, para a organização colectiva da raça branca num poder único e tremendo, preparando-se para

[25] "Se sois europeu e com interesses na Ásia, bradai afoutamente que, nesta luta tremenda, a justiça está do lado da Rússia. Se sois asiático, bradai com igual afoutesa, que a justiça está do lado do Japão. Se sois imparcial, se as lentes do vosso telescópio de observador são lapidadas no simples e puro cristal da vossa consciência, então não sois europeu nem asiático, sois homem, e mais nada; e bradai então também, embora dolorido por tanto sangue derramado, de russos e nipónicos, que a justiça está do Japão..." Moraes, Wenceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 304.

[26] Moraes, Venceslau de, Carta de 14 de Abril de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 18-19.

[27] Moraes, Venceslau de, Carta de 7 de Dezembro de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 197-198.

JJCRS.indd 65 14-09-2009 14:05:11

o medonhissimo drama do futuro insondável, quando a Ásia, rompendo as vestes de crisálida, se erguer também altiva das ruínas do seu mistério. Uma fera há de então devorar a outra fera, por uma lei fatal do destino; ou então uma à outra se esfacelaram, abraçando-se, finalmente, em enternecido pranto, os raros sobreviventes que restarem, surgindo desse amplexo um ser diferente, mais perfeito do que o homem de hoje... e o mundo terreal, alheio ao sangue que correr, terá percorrido mais uma idade na sua marcha eterna e triunfal !....**"**[28]**.**

Esta nova humanidade e este novo homem lembram, vagamente as concepções de Friedrich Nietzsche, do Super-Homem e do Último Homem, embora o autor não o cite nas suas *Cartas do* Japão. Seja como for, correspondem às ideias dominantes na época no Ocidente, marcadas pelo *darwinismo social* e pela crença numa inevitável luta pela sobrevivência entre povos, nações ou raças[29]. Não existem grandes referências nestes textos sobre pensadores desta área, a não ser quanto a Herbert Spencer, o que pressupõe um conhecimento das suas posições sobre a evolução social, numa perspectiva próxima daquela corrente de pensamento[30]. Em consequência podemos interpretar o ambíguo humanismo que transparece nas suas descrições, aparentemente contraditórias, das atitudes dos combatentes russos e japoneses em Porto Artur, passando facilmente do ódio, à amizade, respeito e compaixão[31]. Os seus comentários oscilam entre o elogio pacifista ao "cantinho bom da alma humana" e à alusão estóica à "estima recíproca", ou fraternidade de armas, dos soldados numa valorização equívoca do heroísmo do campo de batalha. Aliás, a descrição do esgotamento final dos combatentes pressupõe a visão trágica de um final da história que se caracterizará por uma "catástrofe mundial", onde vencidos e vencedores se reconciliarão, de surpresa, na recusa definitiva da guerra[32].

A visão apocalíptica da gesta humana, de cariz quase niilista, não implica uma recusa da acção mesmo no aspecto formador da guerra, causa do emergir das novas realidades políticas do Extremo Oriente. Assim sendo, compreendem-se as discordâncias com o pacifismo, em geral e, em particular, com o do escritor russo Léon Tolstoi a propósito da guerra russo-japonesa:

"A guerra é uma tremenda calamidade, sim, mas ainda não imprescindível no estado actual das civilizações. Eu acabo de ler o último volume do místico Tolstoi, referindo-se precisamente ao sangrento conflito deste momento. As

[28] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 304-305.

[29] Cfr. Banton, Michael, A Ideia de Raça, Lisboa, Edições 70, 1979, p. 104-116.

[30] Cfr. Banton, Michael, ob. cit., p. 105-106.

[31] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 25 de Janeiro de 1905, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 306-307.

[32] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 25 de Janeiro de 1905, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 308-309.

JJCRS.indd 66 14-09-2009 14:05:11

crenças do velho apostolo da paz merecem o nosso respeito, como o merecem todas as crenças, mas a sua lógica não convence. A guerra, sobretudo de defesa, é necessária, enquanto houver ambições; a guerra é o efeito, as ambições são a causa; acabe-se primeiro com a causa, se é possível, tornando os homens bons. Mas quem pode classificar de utopias, no momento presente, o emblema da bandeira nacional, o amor da pátria? e condenar a disciplina e a coragem dos soldados?... Utopias? Talvez; mas o inteiro edifício social, a que se abriga a pobre humanidade, não é acaso todo construído de utopias?... O que seria para desejar é que a consciência das nações, distinguindo o justo do injusto, as impelisse a virem entrepor entre os combatentes, declarando-se pelo lado do oprimido; mas não vêem...".[33]

A impossibilidade de criar uma espécie de S.D.N., assente na "consciência das nações", no estado actual da civilização humana torna impossível pôr de lado a guerra sobretudo a guerra, defensiva, a verdadeira guerra justa na tradição cristã da Europa. Assim sendo, os argumentos dos "filósofos da paz" entram em choque com a realidade política internacional. Nada melhor para compreender esta questão do que comparar o êxito do belicismo do Japão com o insucesso do pacifismo da China[34]. A impotência chinesa, perante a pilhagem das suas riquezas pelas potências ocidentais, contrasta profundamente com o heroísmo guerreiro nipónico e justifica o seu realismo político nas relações internas. Nesta abordagem, à maneira de Nicolau Maquiavel, podemos ver a afirmação da lei da conservação das nações que não se compadece com o pacifismo dos estados. O mais chocante, para Wenceslau de Moares, é a hipocrisia geral do mundo sobre a guerra e as ilusões platónicas, perfilhadas em torno da possibilidade da paz e da harmonia, universais. Deste ponto de vista, os Estados Unidos, o país mercantil por excelência, torna-se o alvo principal da sua ironia anti-pacifista por se apresentar como o campeão da paz, em nome do progresso e da humanidade[35]. Aliás, na sua opinião foi a passividade fatal da "alma russa" a principal responsável pelos desastres, experimentados pelas forças do Czar, na guerra russo-japonesa (1904-1905), justificando um estudo de psicologia e sociologia[36]. Os desequilíbrios psicológicos, detectados numa mulher russa no Japão, são considerados exemplos de "fatalidade mórbida" e de "constituição degenerada", passíveis de serem aplicados ao conjunto da Rússia e presentes em

[33] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 de Novembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 230-231.

[34] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 de Novembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 231-232.

[35] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 23 de Junho de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 77.

[36] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 13 de Julho de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 95-96.

JJCRS.indd 67 14-09-2009 14:05:12

"filósofos alucinados" como Léon Tostoi [37].

O pacifismo militante e não violento de Tolstoi é assim percepcionado como um elemento de degeneração, caracterizado pelo misticismo e, apenas gerador da inacção e da impotência social. Contudo, a crítica ao pacifismo não é compreensível se não for estreitamente relacionada com o conceito de "degenerescência" tão caro a Max Nordau. A referência a este autor aparece, nas *Cartas do Japão*, para estabelecer um contraste entre o profissionalismo heróico nipónico e o amadorismo e laxismo dos seus congéneres europeus[38]**.** A degenerescência ocidental é bem patente nesta descrição na qual o livro de Max Nordau, «Dégénérescence», serve de caução às suas observações e, obviamente, permite-nos constatar a ligação entre as suas críticas ao pacifismo místico de Léon Tolstoi e as análises correspondentes daquele autor. Max Nordau não se inibe de o atacar, numa linha de pensamento em que põe em causa o misticismo em geral, como uma espécie de doença degenerativa do espírito humano[39]. Compreende-se assim o tom das críticas formuladas por Wenceslau de Moraes à inacção nacional e, em contrapartida, o elogio ao exército japonês e ao povo nipónico, em geral, pela defesa dos valores opostos. Max Nordau alude à falta de vontade e à ausência da noção de dever moral, como elementos definidores da perturbação intelectual, que identifica com a "degenerescência" do final do século[40]. Não significa este criticismo do cônsul luso, face aos pacifistas uma recusa absoluta

[37] "Pois bem. Para o meu espírito, aquela pobre mulher personifica e encarna hoje a Rússia inteira, personifica e encarna todas as Rússias. A enorme Pátria-Mãe é como ela, é ela mesma; e julgo compreender como do seu ventre prolífero hajam nascido e continuem a nascer tantos milhões de sonhadores, de doentes, de desgraçados, que são os dirigentes opressores, que são os popes fanáticos, que são os mujiques imbecis, que são os filósofos alucinados, incluído no número esse venerando Tolstoi, apóstolo de uma religião que se criou, toda paz, nebulosidade e impotência !...", Moraes, Venceslau de, Carta de 1 de Julho de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 96-97.

[38] "O que se encontra no exército japonês, na armada japonesa, para não falarmos já das outras instituições do Estado, é que cada indivíduo possui uma alta compreensão dos seus deveres e da sua profissão e um grande amor por ela, exclusivo. Ora, não é isto que se dá, francamente, nas nações ocidentais. Já Nordau, no seu livro «Dégénérescence», apontava há alguns anos, que uma das várias manifestações da nossa degenerescência se traduz na tendência dos indivíduos para se dedicarem como amadores, a misteres alheios aos seus. Notaremos no nosso Portugal, como nos outros países da Europa, mais nuns do que noutros, todavia, vários oficiais de cavalaria, por exemplo, recomendáveis fotógrafos amadores; notaremos nos artilheiros apreciáveis romancistas; um oficial de marinha se mostrará deputado de fina eloquência; um engenheiro dará provas de dedicadas aptidões para tenor; mas o que será mais raro é encontrar um cavaleiro, ou um artilheiro, ou um marinheiro, ou um engenheiro, francamente dedicado ao seu ofício. E falo de excepções; porque a grande maioria nem sequer tendências mostrará para aptidões estranhas, mas de certo modo úteis; encontrareis nos teatros, nos bailes, nos cafés, o enorme enxame anódino dos chamados defensores da pátria (pobre pátria !...) para os quais a farda não representa mais do que a gentil moldura do seu grabo presumido, da sua crassa inutilidade em tudo, eficaz no namoro, na conquista... mas conquista incruenta dos corações amelaçados das damas que rodopiam pelas ruas !..." Moraes, Venceslau de, Carta de 18 de Agosto de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 123-124.

[39] Cfr. Nordau, Max, *Dégénérescence*, Paris, Alcan Éditeur, 1909, 7.éme éditon, Tome II, p. 303.

[40] Cfr. Nordau, Max, *Dégénérescence*, Paris, Alcan Éditeur, 1909, 7.éme éditon, Tome II, p. 523-524.

JJCRS.indd 68 14-09-2009 14:05:12

da paz, o que é bem visível, no final da guerra russo-japonesa, quando defende uma solução pacífica através das negociações mediadas pelos Estados Unidos da América. No entanto, a ideia da guerra como uma forma de regeneração ou, pelo menos, da afirmação da vontade de viver de um povo, não deixa de ser um antídoto à degenerescência ou à decadência de uma nação[41]. Assim sendo, o autor não deixa de partilhar, mesmo que só em parte das concepções militaristas do *darwinismo social* da época[42].

4. A decadência do branco

A visão da guerra, como uma "luta pela existência", conduz Wenceslau de Moraes a ver, no conflito russo-japonês, um fenómeno global que traduz a decadência inelutável do Ocidente. Não se trata de uma novidade na época em que a ideia de decadência e degenerescência marcam o pensamento de parte das elites europeias e americanas[43]. Contudo, o autor pretende dar-lhe uma dimensão específica, acentuando as características não só físicas, mas também psicológicas e morais da decadência do homem branco[44]. O colapso social e moral do "homem ocidental" está intimamente ligado ao processo de dominação dos povos da Ásia e da África, pelas grandes potências da Europa e da América, que encarnam o "enorme orgulho da raça branca", mas não lhe trazem felicidade[45]. A via seguida pelo mundo, dito civilizado, não é senão uma ilusão, pois resulta

[41] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 de Novembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 231-232.

[42] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p.20. Ver sobre esta questão Bond, Brian, War and Society in Europe 1870-1970, Gloucestershire, Sutton Publishing, 1998, p. 40-99 e também Bond, Brian, The Pursuit of Victory from Napoleon to Saddam Hussein, New York, Oxford University Press, 1998, p.80-103. Ver também sobre as concepções militaristas dos princípios da guerra Alves, José Lopes, Estratégia. Panorama Geral da Sua Teoria, Lisboa, Pub. D. Quixote, 1999, p. 70-81 e sobre as teorias da guerra bio-sociológicas e evolucionistas Couto, Abel Cabral, Elementos de Estratégia. Apontamentos para um curso. Pedrouços, I.A.E.M., 1988, p. 108-138 e Aron, Raymond, Penser la guerre, Clausewitz II L'Âge Planétaire, Paris, Éditions Gallimard, 1976, p. 7-56.

[43] Cfr. Ferguson, Niall, The War of the World. History's Age of Hatred, London/New York, Allen Lane, 2006, p.XXXIII-LXXI e p. 3-42.

[44] "O solitário que considero ser, vê-se mesmo impelido a admitir desde já indícios prenunciadores da decadência do branco. O enfraquecimento físico do homem ocidental é manifesto. Quando este duro aviso não bastasse, outros sintomas de ordem moral se apresentam, embora custe confessá-los. São eles a lenta dissolução dos laços de família,, dos brios cívicos, da honestidade publica, a crescente venalidade das consciências, a mingua de escrúpulos, a ausência de ideal, o gradual rebaixamento moral, enfim, das sociedades.", Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 21.

[45] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 277.

JJCRS.indd 69 14-09-2009 14:05:12

na miséria e na marginalidade generalizadas dos povos. Assim sendo, torna-se necessário abandonar este "caminho errado" em prol da "felicidade das massas"[46]. A incapacidade científica do Ocidente em edificar uma ciência do conhecimento, eficaz no plano das realidades sociais, ou seja, a ciência social, conduz-nos imediatamente às concepções sociológicas do autor das relações entre os indivíduos e o estado:

"Á minha concepção oferecem-se duas únicas maneiras de interpretar os indivíduos pelas suas relações com a nação: ou como unidades distintas, como entidades independentes, embora reunidas por interesses comuns, e então, a nação, o Estado, pode bem chamar-se uma confederação de indivíduos; ou pela segunda maneira, os indivíduos não são mais do que simples parcelas de uma só unidade – o Estado – não são mais do que porções de argamassas (permita-se-me a expressão) constitutiva do edifício nacional. Daqui dois sistemas filosóficos de sentimentalidade social."[47].

Embora confundindo ou sobrepondo a nação e o estado, Wenceslau de Moraes apresenta-nos dois modelos de sociedade diametralmente opostos. O primeiro assenta numa concepção individualista e utilitarista do estado, na qual os indivíduos são os verdadeiros elementos constitutivos da realidade social, donde deriva o estado pela sua associação em torno de interesses comuns. Na segunda, domina uma visão basicamente holista e organicista da sociedade, sendo os indivíduos apenas elementos indiferenciados do estado, sem o qual não têm razão de ser ou de existir. As sociedades liberais do Ocidente identificam-se com o primeiro modelo:

"As sociedades modernas (refiro-me aos Estados civilizados da Europa e da América) tendem cada vez mais a perfilhar a primeira interpretação. O homem emancipa-se dia a dia de um certo numero de concepções ideais, nas quais se incluem a dedicação incondicional à pátria, o sacrifício espontâneo pelo símbolo da bandeira. O homem vai compreendendo que o seu primeiro dever é ser feliz, e para isto trabalha; os seus outros sentimentos passam ao segundo plano; o respeito pelas instituições, pelos outros homens, o patriotismo, são para ele, mais do que outra coisa, simples estatutos de colectividade, que ele admite e a que se submete, mas, principalmente, porque neles encontra a garantia dos seus próprios interesses."[48].

O hedonismo triunfante no funcionamento das sociedades liberais do Ocidente remete, para um segundo plano, o patriotismo. O ideal estóico de

[46] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 277-278.

[47] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 381.

[48] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 381-382.

JJCRS.indd 70 14-09-2009 14:05:12

tudo sacrificar em prol da pátria é destruído pelo egoísmo que é a marca da degeneração humana[49]. A infelicidade, resultante do extremo individualismo das sociedades ocidentais, encontra uma alternativa na maneira de ser dos japoneses. Em total oposição à "evolução positivista" da Europa e da América, os nipónicos oferecem um modelo social que em certa medida é o antídoto para o "deserto do Eu" contemporâneo[50]. O *Dai Nipon* é o modelo exemplar de uma sociedade, diametralmente oposta à que vigora no Ocidente, na qual o passado medieval se mistura com as necessidades de sobrevivência modernas. O maior fascínio resulta do seu anti-positivismo e do seu anti-individualismo que o transformam no modelo organicista perfeito de sociedade anti-ocidental. Os aspectos do Japão, referidos, são também essenciais para explicar na sua opinião as vitórias militares e navais na presente guerra. O heroísmo, sem limites dos combatentes nipónicos, provem da mais completa submissão do indivíduo ao destino colectivo da nação, à qual tudo se sacrifica inclusive a própria vida[51].

A dissolução total do indivíduo na nação conduz à valorização da morte heróica no campo de batalha, procurada ardentemente por soldados e marinheiros até ao suicídio. Os mortos na guerra serão imortalizados através dos monumentos que os vão perpetuar na memória colectiva. Assim se compreende o choque entre a piedade platónica da mentalidade ocidental e a divinização japonesa do herói[52]. O altruísmo único dos japoneses assenta numa mistura de diversos elementos culturais que incluem "o temperamento asiático, a piedade filial, a etiqueta do feudalismo, a moral budista"[53]. Esta atitude explica a superioridade das forças armadas japonesas sobre as suas congéneres ocidentais e o declínio europeu, bem expresso no egoísmo intrínseco dos seus cidadãos[54]. O sucesso militar do Japão permite-lhe acentuar a sua profunda desilusão face a um Ocidente sem ideais, egoísta e hipócrita[55].

[49] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 382.

[50] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 382-383.

[51] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 384.

[52] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 385-386.

[53] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 23 de Junho de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 81.

[54] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Junho de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 87.

[55] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 18 de Agosto de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 127.

JJCRS.indd 71 14-09-2009 14:05:12

5. Perigo amarelo, perigo branco e flagelo branco

A análise da sociedade nipónica, em termos de oposição, face à Europa e à América faz-se também na perspectiva mais vasta evolução social da humanidade e da concepção em termos raciais do confronto Ocidente - Oriente. A abordagem inicial de Wenceslau de Moraes tem, como objectivo, pôr em causa o mito do *perigo amarelo*, dominante em certos países da Europa e renovado a propósito do Japão[56]. Procura, demonstrar que se trata de uma expressão de formulação ideológica racista, sem nenhuma base racional, com o único fim de justificar o domínio das potências europeias sobre as nações do Extremo Oriente. Preocupa-o, o facto de que esta atitude possa constituir mais do que um receio universal. O medo, provocado pelo aparecimento de novos concorrentes está presente em todos os países, pois põe em causa os seus interesses. Existem múltiplos "perigos", entre os quais sobressai o *perigo branco* - inteligente inversão da perspectiva ideológica e política que prevalece no Ocidente[57]. Aliás, o desejo ocidental de se defender contra o *perigo amarelo* seria plenamente justificável dentro das "leis naturais e universais da luta pela existência", tão ao gosto do *darwinismo social* da época. A constatação deste facto não conferia ao europeu uma superioridade que legitimasse o seu domínio sobre os outros homens[58]. A posição, no momento dominante, do europeu ou da raça branca, resulta do progresso geral da humanidade e da "evolução dos povos", não sendo propriedade de nenhum deles. O triunfo europeu e americano é provisório e garantido por uma episódica vantagem científica, industrial e militar[59].

Considera que a ideia do progresso nos princípios do século XX, assenta no desenvolvimento do conhecimento e do aperfeiçoamento civilizacional da Humanidade, num processo contínuo e ilimitado. Tratava-se da concepção inerente aos discursos do cientismo da época, entre os quais se contava o positivismo evolucionista de Herbert Spencer, referido por Wenceslau de Moraes nas Cartas do Japão[60]. As críticas, à visão europocentrista da evolução social do mundo, permitem-lhe assumir uma posição aparentemente anticolonial

[56] " – Falemos agora do perigo amarelo, que parece ter voltado a ocupar as atenções da imprensa francesa e alemã, após um longo período de tréguas em que passou de ser moda. O que tem graça é que ainda há poucos dias, antes do rompimento das hostilidades, uma parte desta mesma imprensa reputava a nação japonesa como um pequeno povo, a termo da sua evolução e prestes a extinguir-se !...", Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 Março de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 18.

[57] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, *Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça,* Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 19

[58] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, *Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça,* Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 19.

[59] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, ob. cit., p. 20-21.

[60] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, ob. cit., p. 22-24.

JJCRS.indd 72 14-09-2009 14:05:12

e terceiromundista. Em sua opinião o declínio da Europa e da América, podia ser travado se se tivesse em conta a forma de agir do Japão. A raça amarela podia ter um papel essencial para o progresso em geral e para reanimar este Ocidente "anemisado e pervertido". Tais observações não o impedem de ter uma abordagem racista dos diversos povos, divididos segundo a antropologia da época, em raças superiores e inferiores, sendo as últimas condenadas a últimas a desaparecer[61].

Contudo, a preocupação principal do seu espírito é a vontade de domínio dos ocidentais sobre povos que lhes são estranhos, como é o caso da China e do Japão, no Extremo Oriente. A cupidez de europeus e americanos é o móbil neste processo de subjugação de outras civilizações[62]. Condena a forma como os europeus e americanos maltrataram os chineses e os japoneses, pondo em causa a pressuposta superioridade racial dos primeiros. A equiparação civilizacional entre ocidentais e orientais, porém, não deixa de implicar a aceitação pacífica de uma hierarquia das raças humanas e a discriminação dos africanos e os ameríndios, considerados inferiores[63]. O autor considera imutável a "alma asiática", sendo a influência dos europeus e dos americanos culturalmente superficial no Extremo Oriente. A opressão dos ocidentais acabará por provocar uma rejeição violenta da própria civilização ocidental, dando origem a uma terrível *vendetta*[64].

O Japão, de certa maneira, antecipa, ou é pioneiro deste modelo de evolução futura da Ásia, ao assimilar com sucesso os contributos civilizacionais modernos, tornando-se num autêntico "meteoro social"[65]. Assim sendo, não pode ser desprezado pelo Ocidente, pois foi o melhor aluno destas nações, nomeadamente na espectacular "evolução industrial e científica", desde 1868, ou seja desde o início da Era Meiji[66]. O esforço de modernização do Império do Sol Nascente foi um sucesso, tornando-o um agente do progresso, até ai considerado um privilégio exclusivo da "raça branca". As recentes vitórias militares representam o estádio civilizacional avançado que alcançou no presente[67]. A crença na suposta superioridade da raça branca não resiste à análise dos factos, como é o caso da actual guerra russo-japonesa[68]. As "conquistas positivas da evolução da tribo" não podem ser utilizadas, como compensação, ou desculpa, para uma observação, cheia de preconceitos religiosos, destinada apenas a justificar, de

[61] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 28 de Março de 1904, ob. cit., p. 45.
[62] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 4 de Maio de 1904, ob. cit., p. 69-70.
[63] "Não sucedeu, porém, assim. Os ocidentais supuseram os chineses e o japoneses uma raça caduca, como os índios da América, ou uma raça infantil, como os negros da África; e trataram de escravizá--los do melhor modo que puderam, de arrancá-los ás suas crenças, aos seus costumes, ás suas civilizações, e enfim, de lhes extorquir ainda, não ao Japão, mas á China, pedaços de território, que transformaram em focos irradiantes dos seus altos propósitos ambiciosos.", Moraes, Wenceslau de, Carta de 4 de Maio de 1904, ob. cit., p. 70.
[64] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 4 de Maio de 1904, ob. cit., p. 71-72.
[65] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 17 de Maio de 1904, ob. cit., p. 90-91.
[66] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 27 de Julho de 1904, ob. cit., p. 126-127.
[67] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 27 de Julho de 1904, ob. cit., p. 127.
[68] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 27 de Julho de 1904, ob. cit., p.128.

JJCRS.indd 73 14-09-2009 14:05:12

outra maneira, a submissão dos povos do Extremo Oriente[69]. A preocupação de Wenceslau de Moraes era demonstrar que todos os povos podem atingir o grau civilizacional, apanágio das nações ocidentais[70]. A constatação deste facto permite-lhe pôr em causa o colonialismo ocidental e os interesses económicos que lhe estão directamente associados[71]. A futura e previsível crise económica mundial vai proporcionar a oportunidade para uma distribuição equitativa a favor da maior parte da população, à custa da oligarquia financeira responsável pela pobreza e miséria universais[72].

O exemplo japonês não deixa ironicamente de ter um provável impacto positivo no Ocidente nomeadamente em Portugal. Neste paradoxo os que transmitiram ao Japão os elementos do progresso civilizacional recebem deste país os seus elementos mais modernos. Ironia histórica, plasmada numa lei física e/ou económica da história, que não deixa de lembrar as do positivismo evolucionista de Herbert Spencer[73]. A enorme capacidade de adaptação dos nipónicos às profundas transformações mundiais permitiu-lhes sobreviver como povo independente numa conjuntura internacional adversa. Contudo, o processo de modernização do Japão, não foi um simples processo de imitação, mas sim de nacionalização das inovações técnicas e científicas do Ocidente[74]. Em sua opinião, as características específicas da história do Japão, resultam da constituição, do seu povo formado por tribos emigrantes, o que explica a complexa relação psíquica entre a memória da pátria perdida e, no presente, o investimento emocional na construção de um novo país[75]. Existe uma predisposição, quase natural, para aceitar e incorporar os progressos da humanidade na sua própria cultura. O Japão era um modelo para os outros povos, mas também uma espécie de vanguarda, anunciando o futuro da Humanidade[76]. A modernização não significa ocidentalização, uma vez que soube salvaguardar o seu património ou, pelo menos, foi capaz de integrar os avanços civilizacionais do Ocidente. A impossibilidade ou incapacidade de tal conseguir, conduziu outros países, como a China, à subjugação total perante os brancos[77]. Não valorizando senão em parte,

[69] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 27 de Julho de 1904, ob. cit., p.128-129.
[70] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 27 de Julho de 1904, ob. cit., p. 129-130.
[71] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 27 de Julho de 1904, ob. cit., p. 130.
[72] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 27 de Julho de 1904, ob. cit., p. 130.
[73] "Seria extremamente curioso o duplo fenómeno, do domínio material e do domínio psíquico, que poderia suceder então: - Mendes Pinto leva aos japoneses as primeiras armas de fogo e ensina-lhes o seu manejo; mais de três séculos depois os portugueses compram aos japoneses os seus primorosos canhões para irem guarnecer Macau; estes asiáticos receberam dos nosso viajantes as primeiras noções da civilização ocidental, e seriam eles a inocular-nos agora, embora inconscientemente, o sopro vivificante que deve impelir os povos modernos nas suas actividades criadoras. Estranha lei de permutações e de compensações, realizada nas armas de fogo e realizável nas ideias abstractas da evolução social !...", Moraes, Wenceslau de, Cartas do Japão, 27 de Julho de 1904, ob. cit., p. 142.
[74] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 18 de Agosto de 1904, ob. cit., p. 153,
[75] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 18 de Agosto de 1904 ob. cit.,p. 155.
[76] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 18 de Agosto de 1904, ob. cit., p. 156.
[77] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 18 de Agosto de 1904, ob. cit., p. 156.

JJCRS.indd 74 14-09-2009 14:05:12

a preservação dos aspectos tradicionais do Japão, considera aceitável e natural que os nipónicos sacrifiquem a civilização antiga, em nome da sobrevivência nacional[78]. O conjunto destas reflexões permite-lhe deixar escapar um desabafo sobre a hipocrisia reinante na Europa face ao Japão e à sua índole pacífica[79].

As perspectivas dos povos do Oriente não são as mesmas dos povos ocidentais, parecendo existir um entusiasmo generalizado pelas vitórias nipónicas e a crescente esperança de uma evolução social que permita o renascimento da Ásia[80]. Esta esperança da libertação futura da opressão e da miséria da massa da população asiática torna sem dúvida popular a causa nipónica[81]. Assim sendo, continua a considerar a guerra russo-japonesa uma luta contra a "cobiça mundial" e a "espoliação material" da Ásia pela raça branca[82]. De igual modo denuncia as discriminações a que os asiáticos são submetidos pelos ocidentais, quando tentam emigrar para os Estados Unidos e a Austrália ou, ainda a exploração a que são submetidos pelos grandes sindicatos financeiros como na África do Sul[83]. O mais importante, porém, é o despertar da Ásia, cada vez mais provável perante a agressiva "filosofia do orgulho" da raça branca perante "os povos do Extremo Oriente"[84]. Pensa que existem, ainda, algumas hipóteses de coexistência pacífica[85], concluindo, esta análise, com um aviso sobre o futuro das relações Ocidente/Oriente ou seja o risco do Ocidente acordar o Dragão Oriental[86].

6. Raças diferentes

As reflexões e avisos sobre o confronto entre raças, a propósito da questão japonesa, obriga-o a levar mais longe as suas análises, propiciadas por um artigo escrito em Portugal, intitulado "Rússia e Japão", que pretendia ser uma abordagem dos "problemas sociais" modernos no campo da "ciência contemporânea"[87]. Contesta a visão racista do conflito russo-japonês, distanciando-se das suas anteriores posições nesta matéria. Começa por pôr em causa a classificação hierárquica entre raças superiores e inferiores[88] , pois o relativismo da classificação

[78] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Cartas de 18 de Agosto de 1904, ob. cit., p. 161.
[79] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Cartas de 18 de Agosto de 1904, ob. cit., p. 187.
[80] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Cartas de 18 de Agosto de 1904, ob. cit., p. 218-219.
[81] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 18 de Agosto de 1904, ob. cit., p. 218-219.
[82] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, ob. cit., p. 278-279.
[83] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, ob. cit., p. 279-280.
[84] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, ob. cit., p. 281-282,
[85] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, ob. cit., p. 282-283.
[86] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 22 de Dezembro de 1904, ob. cit., p. 282-283.
[87] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p.298-299.
[88] "Diz-se que as raças inferiores são completamente incapazes de criar, e mesmo de continuar uma civilização. Pode bem ser; mas, primeiro do que tudo, quais são as raças inferiores? Que os japoneses, da raça asiática, são inferiores aos europeus da raça branca, não resta a menor duvida... no conceito, é claro, dos próprios europeus: mas, precisamente, os japoneses são de contraria

JJCRS.indd 75 14-09-2009 14:05:12

resulta da posição do observador. Assim, não existem raças superiores e inferiores, mas raças diferentes, o que antecipa as conclusões da moderna antropologia cultural e demonstra a enorme lucidez do autor[89]. A análise de Wenceslau de Moraes baseia-se num determinismo geográfico e histórico, muito em voga na época, mas é sem dúvida muito mais despreconceituosa do que as observações racistas do tempo[90]. Invertendo mais uma vez o ponto de vista dominante europeu e, colocando-se na perspectiva de um japonês, mostra o relativismo cultural e a deformação ideológica do pensamento de Gustave Le Bon, no livro *Lois Psychologiques* de que transcreve um excerto, marcado por um visão racista inerente ao *darwinismo social*. De forma semelhante à presente opressão ocidental foi o domínio antigo de árabes, turcos e mongóis, sobre os europeus[91]. Afirmação provocatória do autor, pressupondo que os povos colonizados já teriam sido portadores de uma civilização superior à europeia e exercido sobre eles uma dominação política. A suposta superioridade europeia resulta apenas de um determinado contexto histórico e, como tal, mutável. As diferentes civilizações dispõem de potenciais semelhantes, apenas diferenciados do ponto de vista cultural. A vitória da Rússia não implica um contributo civilizacional superior para a Ásia, pois não existe uma civilização única mas uma pluralidade de civilizações[92].

Considerava o progresso um processo universal não tendo, nenhuma civilização, nomeadamente a ocidental, o seu monopólio. Pelo contrário, existem vários modelos possíveis e passíveis de serem explorados e seguidos pelos diferentes povos, de acordo com as suas tradições. A "raça asiática" segue o seu próprio caminho que não pode ser identificado de maneira linear, com a ideia preconceituosa e nada científica do "perigo amarelo". Tratava-se de uma hipótese absurda pois, de momento, a única realidade é a do "flagelo branco" a que está sujeita toda a Ásia[93]. As análises pseudocientíficas dos sábios europeus, com especial destaque para Gustave Le Bon, não têm qualquer valor. O "verniz superficial", adquirido pelos orientais da civilização ocidental, bastaria para os libertar da opressão da "raça branca". A sua alma está intacta, pois a Ásia é

opinião. Carecia-se, em boa lógica, de um terceiro para desempatar..." Moraes, Venceslau de, Carta de 5 Janeiro de 1905, ob. cit., p. 299.

[89] "Talvez, porém, a classificação de raças superiores e inferiores seja incoerente, convindo apenas registar: - raças diferentes. Porventura os dois qualificativos serão incompatíveis com animalidade inteira? No voo, é a tainha; mas em nadar, é o pardal... Não nos afastemos, porém, do nosso caso, mas cuidemos de escolher exemplos bem frisantes. Parece indiscutível que o negro seja inferior, muito inferior ao branco. Evidentemente o negro é lhe inferior, por exemplo, para aprender geometria, ou para dirigir uma fabrica de fiação, ou para saber vestir uma casaca; mas perguntai a vós mesmos qual dos dois é superior ao outro para resistir ao impaludismo, ou para prostrar o antílope com uma flecha, ou para trepar a um tronco de palmeira...", Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, ob. cit., p. 300.

[90] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, ob. cit., p. 300.

[91] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, ob. cit., p. 301.

[92] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, ob. cit., p. 301.

[93] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, ob. cit., p. 301-302.

JJCRS.indd 76 14-09-2009 14:05:12

detentora de velhas civilizações, como a chinesa, muito mais antigas do que a maior parte das nações europeias[94]. A parcialidade das observações dos europeus e americanos sobre o Extremo Oriente resulta do interesse da raça branca em opor-se aos progressos da Ásia, sobretudo no campo da indústria e do comércio. Na verdade, o desenvolvimento da economia põe em cheque o domínio do "homem louro" que escraviza os seus povos[95].

Encara o conflito militar, entre a Rússia e o Japão, como a batalha final entre a Europa e a Ásia, mas também entre a raça branca e a raça amarela. A diferença entre os dois impérios reside no facto de o governo russo não representar o seu povo, ao contrário do nipónico, em torno do qual toda uma nação se reagrupara para a luta pela independência nacional[96]. Assim sendo, as duas raças mais importantes da Humanidade (a branca e a amarela) estão destinadas, ou a evoluir separadamente, ou a enfrentarem-se no presente e no futuro, mas nunca a fundirem-se, ou a misturarem-se[97]. Opõe-se a qualquer tipo de miscegenação considerada como factor de degeneração racial, ou esterilidade dos povos. As suas opiniões, neste campo, apoiam-se nas observações de Herbert Spencer a propósito do Japão, transmitidas ao barão Kaneko doze anos antes[98], que é contrário à irrupção dos estrangeiros (americanos e europeus) e dos seus capitais, pois os considera perniciosos ao Império do Sol Nascente[99]. De igual modo, reputa os casamentos interraciais nefastos, ao gerarem mestiços que põem em causa a pureza racial e geram a decadência física e mental[100]. Apesar de referir que nem todos os cientistas (biólogos e economistas) concordam com estas conclusões, defende a necessidade de manter a família japonesa pura, ou seja, longe da contaminação exterior por elementos estranhos[101].

As concepções negativas sobre os mestiços, que já desenvolvera antes a propósito das relações entre os *ainos* e os japoneses[102] , assumem uma forma mais preconceituosa e racista quando fala dos mestiços do Japão e da China[103]. Esta atitude vai permitir-lhe, de seguida, chamar-lhes "meia raça" e, com alguma crueldade, profetizar o seu desaparecimento a breve prazo[104]. Wenceslau de Moraes acabaria por ligar a questão da mestiçagem à presença dos turistas no Japão, operando uma transformação radical das suas posições iniciais. Nas *Cartas do Japão*, de 1904-1905, era mais favorável aos turistas que considerava terem dado

[94] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, ob. cit., p. 302-303.
[95] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, ob. cit., p. 303.
[96] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, ob. cit., p. 303-304.
[97] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 5 de Janeiro de 1905, ob. cit., p. 305-309.
[98] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 22-23.
[99] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, ob. cit., p. 23.
[100] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, ob. cit., p. 23-24.
[101] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 10 de Março de 1904, ob. cit., p. 24.
[102] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Março de 1904, ob. cit., p. 47-48.
[103] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 27 de Julho de 1904, ob. cit., p. 134.
[104] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 27 de Julho de 1904, ob. cit., p.135.

JJCRS.indd 77 14-09-2009 14:05:12

um contributo saudável ao conhecimento da civilização japonesa no seu conjunto. Depois do final da guerra russo-japonesa (1904-1905) e nos anos imediatamente posteriores acentua-se a sua visão negativa o que se torna claro em 1907[105]. A descrição que faz de uma série de indivíduos europeus e americanos marcados pela degenerescência, parece saída da pena de Max Nordau, mas serve-lhe para evidenciar a incapacidade que eles têm de conhecer o Japão e para o perigo de "contaminarem" o Império do Sol Nascente com as suas taras físicas e mentais[106]. Na sua análise, fundamentada nestes factos, exibe, como exemplo a história da mestiça nipónica e vendedora de fósforos e cigarros no porto de Kobe[107]. Marginalizada pelos japoneses e desprezada pelos ocidentais encontrava-se num processo de decadência social que lhe suscitava sentimentos contraditórios. A compaixão pelo seu destino trágico chocava com a ideia da perversão dos cruzamentos entre elementos de raças diferentes, num processo de decadência que se aproximava da noção de um pecado cometido contra a ordem natural e a pureza racial:

" – Pois aquela pobre japonesa loura e de olhos azulados, ali no caminho de todos os estrangeiros que chegam para visitar o Japão, parecia-me estar equivalendo a um aviso sincero da consciência nipónica, que bradasse: - "*Touristes*, eis o que vocês cá vêm fazer !..."[108].

7. A arte derrubando a força.

A retórica radical está presente até ao fim das análises da guerra russo-japonesa (1904-1905), tornando-se um elemento central das suas reflexões políticas e militares. O Japão aparece como o "braço justiceiro" dos povos do Oriente finalmente vingados das afrontas e da opressão do Ocidente[109]. O Império do Sol Nascente assume o "papel de libertador da Ásia extremo oriental"[110] e despertador do Oriente[111]. O acordar da Ásia materializa-se no sonho de libertação, proporcionado pelo acontecimento excepcional que foi a rendição

[105] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 14 de Maio de 1907, Cartas do Japão: 2.ª Série: 1907-1908, Lisboa Imprensa. Portugal-Brasil, 1911-1913, Vol. I, p. 74-75.
[106] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 14 de Maio de 1905, ob. cit., p. 75.
[107] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 14 de Maio de 1907, ob. cit., p. 75-76.
[108] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 14 de Maio de 1907, ob. cit., p. 77.
[109] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 18 de Janeiro de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p. 315-316.
[110] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 2 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 336.
[111] "Não. O problema, o momentoso problema que se apresenta, não encontrará solução definitiva senão pelo acordar da Ásia inteira, no propósito de garantir a sua hegemonia no próprio solo que os destinos lhe legaram. Assim se irá constituindo uma outra enorme onda, avançando em sentido oposto à primeira; e é do choque inevitável dessas duas imensas forças que resultará um fenómeno sociológico qualquer, capaz de estender a pacificação nesta vastíssima região mundial, que uns já cobiçam com tanta ânsia, e que outros, os legítimos donos, tratarão de defender com igual ânsia.", Moraes, Venceslau de, Carta de 2 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 336.

JJCRS.indd 78 14-09-2009 14:05:12

de Porto Artur (02/01/1905) e que impressiona pelo seu aspecto inédito todo o mundo ocidental[112]. A sua importância projecta-se numa "nova orientação social" e num "novo sentimento na consciência das nações" que se vai concretizar no "respeito devido ao solo asiático" e à "evolução independente dos seus povos"[113]. A desilusão dos povos ocidentais vai a par do reconhecimento universal do patriotismo, da coragem e da ciência militar e naval nipónica[114]. Os sucessos do "pequeno Japão" têm consequências negativas para o "colosso europeu", ou seja, a Rússia, confrontada com terríveis derrotas militares e navais nesta guerra[115].O perigo do patriotismo russo pode provocar uma inevitável eternização do conflito, ou conduzir à cessação das hostilidades", devido à "efervescência interna"[116]. Prevê que o czar se vai confrontar em breve com um vulcão social ou, pelo menos, com a ameaça de uma revolta interna que o obrigue a fazer a paz com o Império do Sol Nascente[117]. A assinatura da paz não acaba com os problemas internos da Rússia e pode originar a um período de guerra civil e anarquia. Não considera a hipótese má, pois permite que o povo russo se liberte da autocracia[118]. Não é mais que uma atitude suicida do ponto de vista da sobrevivência política do império russo. A continuação da guerra, depois de tantas derrotas e no meio de uma profunda crise social[119], o financiamento da guerra, do lado russo, é assegurado, de forma principal, pela alta finança francesa, acusada de agiotagem, que se mostra incapaz de satisfazer, de momento as necessidades russas e anunciando portanto o fim eminente da guerra[120]. As implicações do colapso russo são ainda maiores se se tiver em conta a súbita transformação do "pequeno Japão", olhado de maneira paternalista pelo Ocidente, no "grande Japão", capaz de preservar a independência nacional[121]. A novidade mais importante resulta da profunda alteração do equilíbrio político mundial[122]. O Japão é o grande "desestabilizador" ou "perturbador" dos arranjos internacionais, sobretudo no Extremo Oriente, mas implicando transformações a longo prazo para toda a Ásia[123].

[112] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 15 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 347-348.
[113] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 15 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 348.
[114] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 15 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 350.
[115] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 27 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 363-364.
[116] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 27 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 364.
[117] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 27 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 364-365.
[118] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 27 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 365-366.
[119] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 23 de Março de 1905, ob. cit., p. 396-397.
[120] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 23 de Março de 1905, ob. cit., p. 397-398.
[121] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 23 de Março de 1905, ob. cit.,p.401.
[122] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 23 de Março de 1905, ob. cit., p. 401-402.
[123] "Surge agora o Japão como potência de primeira ordem, reclamando o seu quinhão de prestigio, impondo-se na região que é destinado a sofrer a influencia da sua acção; e como que reivindicando o direito do asiático à liberdade e à integridade do seu solo. O Ocidente aplaude, em geral, as glorias recentes: uma minoria, por sincera admiração e simpatia; a maioria porque se apraz na desgraça do colosso. Mas, por outro lado, a opinião publica já se irrita: no parlamento francês fala-se no perigo que ameaça a Indochina; no parlamento americano fala-se no perigo que ameaça as Filipinas; há mesmo quem avance que o enorme incremento, que vai dar-se à esquadra americana, tem por mira primordial o pôr em cheque a esquadra japonesa. Veremos em breve as actividades oficiais

JJCRS.indd 79 14-09-2009 14:05:13

A nova visão do Ocidente permite-lhe criticar as anteriores dos eruditos europeus de um país fantástico e arcaico, roçando o ridículo, tal como aparece nos livros do francês Loti. Na sua opinião, tal seria, na melhor das hipóteses, uma projecção dos sonhos e das frustrações ocidentais sobre uma realidade cultural diferente[124]. As vitórias do Império do Sol Nascente motivam uma mudança de 180.º graus passando do "Japão das *musumés*" ao "Japão dos heróis"[125]. O resultado final acaba por ser também ridículo e perigoso, pois tende a reduzir os nipónicos apenas a uma dimensão guerreira, também ela preconceituosa e redutora na análise da sua civilização[126]. As reflexões não o impedem de fazer algumas observações amargas sobre a evolução histórica, nomeadamente a metáfora do "século das luzes" e do "século da pólvora"[127]. O humanismo presente, nesta visão pessimista da Humanidade, não o impede de continuar a criticar a Europa e a América como principais fautores da guerra. A propósito da declaração de Lord Balfour, defendendo no parlamento britânico o direito legítimo da Inglaterra de impedir os emigrantes de entrarem no seu território, o autor recorda a hipocrisia presente em tais afirmações[128]. A História continuava ainda a ser a grande mestra da Humanidade e, como tal, não se podem olhar os acontecimentos da guerra russo-japonesa e as vitórias nipónicas como simples resultado do acaso[129].

A tentativa de esclarecer esta questão leva-o a interrogar-se sobre a "alma japonesa" e o "enigma humano", numa abordagem especulativa[130]. A explicação mais fácil encontra-se singularmente no jiu-jitsu. Esta forma de luta consiste, essencialmente, na capacidade de tirar da própria fraqueza a força para derrubar um adversário mais forte[131]. Esta arte marcial, imbuída de filosofia chinesa, é ao mesmo tempo uma "arte da luta" e uma "arte paciente de estudos anatómicos" que lhe permite derrubar facilmente o inimigo[132]. Todavia, o *jiu-jitsu* ganha uma nova dimensão quando o autor a identifica com a arte da guerra japonesa[133]. A vitória nipónica é a pura e simples aplicação dos princípios do *jiu-jitsu* à

dos grandes Estados do Ocidente concentrarem-se no Extremo Oriente, invejosas e precavidas. A política internacional vai sofrer tremendo deslocamento.", Moraes, Venceslau de, Carta de 23 de Março de 1905, ob. cit., p. 402-403.

[124] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 14 de Maio de 1905, ob. cit., p. 19-20.

[125] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 14 de Maio de 1905, ob. cit., p. 20.

[126] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 14 de Maio de 1905, ob. cit., p. 20-21.

[127] "Estava escrito no livro dos destinos que, após o século das luzes, viria o século da pólvora. E é ao europeu, e é ao branco, que cabe a honra plena desta estupenda classificação: - por ter entendido o branco viver simplesmente à custa do amarelo, escravizá-lo, pousar dominador sobre a terra sagrada de Buda o seu brutal sapatorro de duas solas !...", Moraes, Venceslau de, Carta de 26 de Abril de 1905. ob. cit., p. 41.

[128] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 17 de Maio de 1905, ob. cit., p. 54-55.

[129] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Junho de 1905, ob. cit., p. 86-87.

[130] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Junho de 1905, ob. cit., p. 88.

[131] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Junho de 1905, ob. cit., p. 88-89.

[132] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Junho de 1905, ob. cit., p. 89.

[133] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Junho de 1905, ob. cit., p. 90.

JJCRS.indd 80 14-09-2009 14:05:13

guerra moderna do início do século XX[134]. Ora esta característica provavelmente herdada dos *samurais* projecta-se na "evolução social" recente do Japão. Trata-se sem dúvida de um surpresa inesperada no campo da "filosofia da história"[135], o carácter especial dos nipónicos traduz na perfeição a concepção do *jiu-jitsu* que acaba por se resumir numa novo princípio da filosofia universal:

"O carácter particularíssimo das iniciativas nipónicas, a que acabo de referir-me e que tentei explicar, é em parte compreendido, por intuição, pelos povos ocidentais; atribuindo-se-lhe, desde longa data até hoje, um como que estímulo diabólico, satânico, o que as linhas que procedem tornam mais logicamente compreensível. Efectivamente, para o nosso raciocínio étnico, a fraqueza disciplinada a ponto de subjugar a força, a astúcia vencendo a brutalidade, o mosquito prostrando por terra o leão, apresentam-se como artifícios malévolos, que provocam a nossa indignação. Vai nisto muita dose de amor próprio, o despeito de vermos a nossa demência louca transformada em arma agressiva contra as nossas próprias ambições. Mais imparcialmente julgado, o estranho feitio psíquico nipónico, devido porventura a uma preponderância do temperamento bilioso na tribo, deve ser admirado como uma quinta-essência de arte, de estética subtilissima, que se revolta contra toda a agressão simples e brutal, que lavra arabescos em todos os actos da vida e que parece querer arremessar às páginas da história um novo princípio de filosofia universal: - a arte derrubando a força."[136].

A espantosa transformação da política internacional, expressa nesta simples frase, não deixa de ter profundas implicações na percepção mundial do povo japonês que deixa de ser o *little jap* às ordens do "homem louro"[137]. Assim, o *perigo amarelo* é um absurdo que traduz uma percepção errada do confronto entre a raça branca e a raça amarela[138]. O entusiasmo pela evolução histórica do *Dai Nippon* conduz Wenceslau de Moraes a defender uma verdadeira *japonização* da Coreia e da China que permitirá uma eventual aliança sino-nipónica, libertadora de toda a Ásia do domínio do homem branco[139]. A inesperada morte da imperatriz chinesa em Novembro de 1908, deixou no trono como sucessor uma criança: o príncipe Pu Yi. Com efeito, a regência temporária na China, pode provocar a desestabilização geral no Extremo Oriente que prejudique não só o Império do Meio, mas também o Japão. Assim sendo, deduz-se um estranho paradoxo da

[134] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Junho de 1905, ob. cit., p. 91-92.

[135] "Quando, pondo de parte o assunto da luta e da guerra, considerarmos as conquistas pacíficas dos japoneses, na sua prodigiosa evolução social dos últimos tempos, a filosofia da história vem oferecer-nos uma curiosíssima revelação, ensinando-nos que o segredo dos triunfos reside ainda num como que jiu-jitsu nas linhas que vão seguir-se.
A imposição brutal do comodoro americano, exigindo, pela força da sua esquadra, a abertura do Nipão à civilização do Ocidente", Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Junho de 1905, ob. cit., p. 92.

[136] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 28 de Junho de 1905, ob. cit., p. 93-94.

[137] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 26 de Outubro de 1905, ob. cit., p.174-175.

[138] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 26 de Novembro de 1908, Cartas do Japão: 2.ª Série: 1907-1908, Lisboa Imprensa. Portugal-Brasil, 1911-1913, Vol. I, p.291-292.

[139] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 2 de Novembro de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, p.185-186.

JJCRS.indd 81 14-09-2009 14:05:13

filosofia da história pela qual evolução e revolução andam juntas:

"Em verdade, a região asiática mais a leste está reclamando para si a maior soma de interesse, no respeito à evolução dos povos... evolução e revolução." [140].

8. O sexto sentido

Evolução e revolução... duas perspectivas, na aparência opostas, mas complementares nas observações de Wenceslau de Moraes sobre o conflito no Extremo Oriente. A compreensão plena desta aparente contradição exige o conhecimento das transformações operadas pela guerra, na época. O *state of art* do *establishement* militar e naval foi perturbado pelas novidades estratégicas, tácticas, tecnológicas e técnicas, das operações empreendidas pelos exércitos e armadas da Rússia e do Japão. A importância da evolução interna destes dois países requer uma atenção especial às descrições do autor sobre o conflito em terra e no mar. A sua compreensão da guerra russo-japonesa implica, desde o início dos acontecimentos bélicos, um *parti-pris* favorável ao Império do Sol Nascente, embora numa abordagem realista, a propósito do "ultimato" japonês à Rússia[141]. Não nutre qualquer ilusão sobre a sequência óbvia dos eventos e as intenções nipónicas, prevendo os próximos movimentos das suas forças armadas[142]. Aliás, a invasão e futura anexação da Coreia eram justificadas pela preservação da independência do *Dai Nippon*, face a um adversário mais poderoso. A comparação com a guerra entre as repúblicas *boers* do Transvaal e de Orange com a Inglaterra na viragem do século XIX (1899-1902), na África do Sul, foi imediata[143]. O paralelismo estabelecido não se destinava a fazer só o elogio da heróica resistência de um pequeno povo, neste caso os *boers*, contra o detestado imperialismo britânico, pois juntava-se a antipatia anglófoba do autor, a esta necessidade de defender a justiça da causa do Japão, numa luta desigual contra o gigantesco império czarista. A lógica do expansionismo russo não diferia dos processos usados pelos ingleses contra outros povos, nomeadamente os *boers*. As alternativas do Império do Sol Nascente pareciam desesperadas, pois oscilava entre a rendição e a luta pela sobrevivência nacional à *outrance*[144]. Os paralelismos acabam aqui, pois os japoneses dispõem de recursos intelectuais e emocionais que tornam impossível a ocupação do solo sagrado pelos invasores. O nacionalismo nipónico exacerbado torna impossível a repetição no Extremo Oriente do drama

[140] Cfr. Moraes, Wenceslau de, Carta de 26 de Novembro de 1908, Cartas do Japão: 2.ª Série: 1907-1908, Lisboa Imprensa. Portugal-Brasil, 1911-1913, Vol. I, p. 295-296.

[141] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 24/01/1904, Cartas do Japão II Um Anno de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 210-211.

[142] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 24/01/1904, ob. cit., p. 211-212.

[143] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 24/01/1904, ob. cit., p. 212.

[144] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 24/01/1904, ob. cit., p. 212-213.

JJCRS.indd 82 14-09-2009 14:05:13

dos *boers* na África do Sul[145].

As suas reflexões sofrem uma modificação imediata com o desencadear das hostilidades, sem porem em causa o essencial do seu alinhamento político com o Japão. Na verdade, recusa o epíteto de *correspondente de guerra*, pois não deseja comprometer-se numa actividade que o possa impedir da abordagem dos acontecimentos de maneira mais livre, ao sabor das suas impressões. Afirma o desejo de ser imparcial e sincero, embora não deixe de focar a importância de se situar num dos "meios", ou seja, no centro da conflagração militar, o Japão[146]. O desencadear da guerra parece traduzir também um enorme alívio pelo fim da insuportável tensão causada pela iminência do conflito entre a Rússia e o Japão[147]. O desencadear das hostilidades pelos japoneses, atacando sem prévia declaração de guerra a frota russa, em Porto Artur em 8 de Fevereiro de 1904, é plenamente justificável. Ridiculariza o espanto e queixume do Czar perante a audácia nipónica, pois considera que os verdadeiros agressores são os russos que provocaram a guerra. O Japão apenas respondeu, travando "uma guerra justa, defensiva, política, comercial". Desvaloriza a declaração formal de guerra que considera fora de moda[148]. O essencial é salientar a especificidade do nacionalismo nipónico, em oposição ao europeu e americano, considerado apenas um dever cívico. O patriotismo, no Japão, é a paixão de todos, vivida de forma intensa e implicando uma mobilização geral da nação inteira [149149]. A comparação com os russos é desvantajosa para eles, devido ao estatuto de submissão à autocracia czarista. Os soldados deste império não lutam com o entusiasmo dos nipónicos, apenas o fazer pelo "simples dever de disciplina" [150150] , o que não o impede de considerar, de forma mais objectiva, os elementos de natureza geopolítica que beneficiam o Japão em contraponto com a Rússia [151151]. Desde o ataque a Porto Artur a análise da situação naval é favorável ao Japão, não se esperando que a marinha de guerra consiga recuperar deste desaire, a não ser com o envio de nova armada. Resta, assim, reflectir sobre a possível evolução das operações militares em terra, o que beneficia os japoneses:

"Resta considerar a acção terrestre, ainda nem iniciada, se pusermos de parte

[145] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 24/01/1904, ob. cit., p.212-214.

[146] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 18 de Fevereiro de 1904, ob. cit., p. 216-217.

[147] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 18 de Fevereiro de 1904, ob. cit., p.217.

[148] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 18 de Fevereiro de 1904, ob. cit., p.221. Ver também Westood, J. N., Russia Against Japan, 1904-05. A New Look at the Russo-Japanese War, Albany, State University of New York Press, 1986, p.37-51

[149] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 2 de Março de 1904, ob. cit., p.2-3.

[150] Cfr. Moraes, Venceslau de, Carta de 2 de Março de 1904, ob. cit., p3.

[151] "O drama da guerra, quando suceda, como é o caso geral, que o teatro das hostilidades ofereça portos marítimos e extensões da terra firme e os beligerantes disponham de esquadras e de exércitos, pode sempre dividir-se em duas partes distintas: a acção naval e a acção terrestre. É o que se dá com o Japão e a Rússia.
Na luta que se trava, a acção naval já reverteu toda em favor e em glória dos japoneses, e assim continuará até ao fim, salvo eventualidades completamente imprevistas.", Moraes, Venceslau de, Cartas de 28 de Março de 1904, ob. cit., p.37.

JJCRS.indd 83 14-09-2009 14:05:13

umas ligeiras escaramuças que se deram já, sem importância alguma. Militam principalmente em favor dos japoneses as seguintes circunstâncias: o domínio que adquiririam no mar, o que permite livre percurso aos seus transportes, com tropas, com munições, com víveres; a excelência dos seus soldados, que são como nenhuns magníficos na marcha, muito instruídos, muito disciplinados, óptimos atiradores, e como nenhuns animados de imenso patriotismo, de imensa coragem, de completo desprezo pela vida; registe-se ainda um armamento admirável. Milita em favor dos russos sobretudo o seu número, ou antes o número que podem atingir, enviados pouco a pouco de um país enorme, com uma população três vezes maior do que o Japão; e é lhes de preciosíssimo recurso o seu caminho de ferro transsiberiano, posto que ainda acuse muitas imperfeições de construção que lhe diminuem o alcance prático e possa imensamente sofrer quando o inimigo se proponha a linha ao acaso das suas investidas."[152].

As fragilidades russas poderiam ser compensadas por uma série de outros factores entre os quais avultavam: o orgulho nacional, a defesa do prestígio internacional, a ambição imperial e a possibilidade de mobilizar, pacientemente, um grande exército no Extremo Oriente[153]. A paciência tornar-se-ia um trunfo nas mãos dos russos, pois o prolongamento das hostilidades atingiria o tesouro nipónico, ou seja, o "calcanhar de Aquiles" do *Dai Nipon*. A transformação da guerra curta numa prolongada provocaria um desgaste financeiro insustentável, obrigando à cessação das hostilidades por parte do Japão. A sequência dos eventos resultaria na invasão da Manchúria e na progressiva destruição do exército japonês, por não dispor de potencial humano capaz de substituir as perdas em combate. Compreendeu, perfeitamente, o perigo desta estratégia para o Japão que o general A. N. Kuropatkine (1848-1925) não teve tempo de implementar[154]. A visão pessimista do futuro do Japão será contestada recusando aceitar um destino, tão trágico, para um país com dirigentes clarividentes[155]. A estratégia oculta dos dirigentes do *Dai Nipon* contaria com o apoio de outras nações ocidentais e/ou da mobilização da enorme massa da população chinesa. Na ausência destas duas opções o Japão poderia ter o apoio incondicional do "*dom de raça*": o "*sexto sentido* nipónico". Aliás, a explicitação deste misterioso desígnio não poderia ser feita de uma forma racional, mas tão só através de uma compreensão intuitiva da alma japonesa[156].

Estas previsões optimistas sobre o futuro do Japão, na guerra russo-japonesa seriam totalmente justificadas pela evolução do conflito. Os nipónicos

[152] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas de 28 de Março de 1904, ob. cit., p. 39-40.
[153] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas de 28 de Março de 1904, ob. cit., p. 40.
[154] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas de 28 de Março de 1904, ob. cit., p. 41.
[155] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas de 28 de Março de 1904, ob. cit., p. 42.
[156] "(...) ou será ainda um misterioso desígnio ou uma misteriosa revelação, em que entre em jogo a subtileza própria, o sexto sentido nipónico, esse dom de raça a que já me tenho referido nestas cartas e que continuo a adivinhar na alma japonesa, centelha de génio que alumia este povo, por caminhos desconhecidos aos mais inesperados triunfos?...", Moraes, Venceslau de, Cartas de 28 de Março de 1904, ob. cit., p. 42.

JJCRS.indd 84 14-09-2009 14:05:13

acabariam por triunfar na maioria dos confrontos militares, como o comprovam as suas descrições do Cerco de Porto Artur (08/07/1904-02/01/1905), das batalhas navais do Mar Amarelo (10/08/1904). do Mar do Japão (14/08/1904), de Tsushima (27/05/1905) e dos combates terrestres de rio Yalu (01/05/1904), Liaoyang (26/08/1904-04/09/1904)), Sha-Ho (04/10/1904-18/10/1904) Mukden (24/02/1905-10/03/1905). Contudo, a paixão pelo Japão não o faz perder a lucidez nas observações sobre o decorrer da guerra. Assim sendo, considera impossível ao exército nipónico, por escassez de meios, obter a vitória numa batalha de aniquilação, como aconteceu na guerra franco-prussiana de 1870-1871. Não poderão repetir Sedan(02/09/1870), na qual as forças de Napoleão III foram destruídas pelos prussianos, apesar de todo o brilhantismo militar da vitória de Liaoyang (26/08/1904-04/09/1904)[157]. O mesmo se terá passado na subsequente batalha de Sha-ho (04/10/1904-18/10/1904) onde, mais uma vez, não se dá o tão desejado envolvimento: cerco e aniquilamento do exército russo[158]. A vitória japonesa mais uma vez tem um impacto terrível na moral russa, embora a evolução das operações terrestres acabe por originar uma interminável luta de desgaste. As forças nipónicas não são capazes de substituir as perdas em combate por não disporem de reservas humanas e portanto no limite pode conduzir ao seu colapso. Em contrapartida, os soldados do Czar recebem constantemente reforços e portanto as suas baixas não os impedem de continuar a combater os japoneses[159].

A guerra não pode ser decidida apenas pelo desenvolvimento das operações terrestres, porque o confronto final e decisivo, entre os dois exércitos, será sempre evitado pelos russos:

"Além do interesse ligado ao sensacional acontecimento que acabo de apontar, a imprensa local vai inventariando por miúdo os detalhas das últimas duas grandes batalhas de Liaoyang e de Shaho. Calcula-se que as forças russas eram em Shaho de cerca de 300:000 homens e as japonesas de 250.000 ou 280.000. As baixas dos russos aproximam-se de 70:000, incluindo uns 25:000 mortos; as baixas japonesas foram muito inferiores, indicando-se o número total de 13:000, posto que não se conte ainda com informações rigorosas. Lamentam alguns que o marechal Oyama não pudesse conseguir, em Liaoyang ou depois em Shaho, envolver o exército russo, obrigando-o a uma capitulação geral, que poria provavelmente fim à contenda. Seria isto certamente muito bom, mas não se deve desejar o impossível: os nipónicos, manobrando em péssimo campo, detidos a cada passo pelas obras de defesa do inimigo, esfalfados e esfomeados em virtude de combates que duraram muitos dias seguidos, desenvolveram prodígios de heroicidade, ganharam penosissimamente duas grandes batalhas; francamente, seria loucura exigir-se mais ainda."[160].

[157] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 27 de Setembro de 1904, ob. cit., p. 176-177.
[158] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 29 de Setembro de 1904, ob. cit., p. 205-206.
[159] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 29 de Setembro de 1904, ob. cit., p. 206.
[160] "E como envolver e aprisionar em peso o exército de Kuropatkine, quando é certo que as habilidades

JJCRS.indd 85 14-09-2009 14:05:13

Na verdade, o balanço das maiores batalhas terrestres de Liaoyang e Sha-ho traduz-se, de momento, num impasse estratégico apesar dos sucessos tácticos japoneses e acabando por se transferir a decisão estratégica para as operações navais. As suas observações centram-se de imediato sobre a guerra no mar, área onde se sente particularmente à vontade. O conhecimento da geopolítica do Extremo Oriente, da marinha de guerra nipónica, a formação de oficial da armada, tudo contribui para lhe permitir obter uma visão muito clara das novidades da guerra marítima entre os dois beligerantes. Acrescente-se a tudo isto, o facto da Armada portuguesa se encontrar numa fase de modernização dos navios e de transformação das concepções estratégicas e tácticas até aí dominantes[161]. A sua visão é das mais claras sobre as mudanças operadas na arte da guerra naval nos princípios do século XX é das mais claras o que parece confirmar as concepções do americano Alfred Thayer Mahan (1840-1914) sobre o papel das grandes esquadras e das batalhas decisivas, para garantir a supremacia naval das nações[162].

Considera que o mais importante será tentar perceber a evolução futura do conflito no mar e a reacção do almirante Heiachiro Togo (1847-1912), perante a nova ameaça da esquadra do Báltico, enviada pelo czar:

"O almirante Togo mostra-se bem à altura do seu cargo, tendo já, por si e pelo auxílio dos seus bravos marinheiros, erguido às eminências da fama o prestígio da pátria nipónica, perante a surpresa das nações. Mas muito terá ainda que fazer, após o bloqueio de Porto Artur, em que agora se empenha. Chegará a estes mares a já tão falada esquadra russa do mar Báltico? Se chega, novas energias exigirá de Togo o seu país. Ele já desbaratou e aniquilou os navios russos do Extremo Oriente; mas cumpre-lhe que desbarate e aniquile também os navios do Báltico, convencendo por esta forma indiscutível os seus comandantes de que a esquadra nipónica não se encontrava nos mares do norte da Europa, pescando arenques de mistura com as companhas inglesas, mas aqui, no mar do Japão, com os canhões em bateria, em defesa deste encantador império insular."[163].

---

estratégicas do generalíssimo russo se concentram particularmente e antecipadamente em preparar a retirada segura, de modo que, quando os japoneses atacam a vanguarda, já a retaguarda volta costas e ganha a salvo os caminhos distantes?...", Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 26 de Outubro de 1904, ob. cit., p. 215-217. Ver também Westood, J. N., Russia Against Japan, 1904-05. A New Look at the Russo-Japanese War, Albany, State University of New York Press, 1986, p. 53-71.

[161] Cfr. Telo, António José, Homens, Doutrinas e Organização 1824-1974 (Tomo I), História da Marinha Portuguesa, Telo, António José, coordenador, Lisboa, Academia da Marinha, 1999, p. 205-297.

[162] "A guerra naval que se fere, figurará certamente na história do mundo como a mais terrível e a mais notável dos tempos modernos, e aquela em que pela primeira vez os mais altos aperfeiçoamentos – enorme alcance de tiro, extrema delicadeza dos maquinismos, excelência do poder da couraça, telegrafia sem fios, - entram em jogo". Cartas do Japão 23 de Novembro de 1904, p. 254. Sobre o pensamento e a importância de A. T. Mahan consultar Crowl, Philip A., "Alfred Thayer Mahan: The Naval Historian", ed. by Paret, Peter, Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age, Oxford, Clarendon, 1994, p. 444-509 e também O'Connell, Robert L., História da Guerra, Armas e Homens. Uma história da guerra, do armamento e da agressão, Lisboa, Teorema, 1989, p. 257-278. E ainda: Keegan, John, Battle at Sea from Man-of-War to Submarine, London, Pimlico, 169-170.

[163] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão 23 de Novembro de 1904, Cartas do Japão II Um Anno

JJCRS.indd 86 14-09-2009 14:05:13

A iminente rendição de Porto Artur apenas aumentou a visibilidade da próxima chegada da esquadra russa do Báltico que iria alterar os dados estratégicos da guerra no Extremo Oriente. Condena a violação da neutralidade pela França, reabastecendo a esquadra russa na Indochina e interroga-se sobre a viabilidade logística :da operação naval[164]. A falta de credibilidade da operação naval russa torna-se evidente quando o autor se confronta com as opções da esquadra do Báltico e dos seus objectivos estratégicos, reduzida a uma retirada precoce perante a rendição de Porto Artur, ou a transformação numa força de corsários, atacando os navios de comércio nipónico[165]. As preocupações de Wenceslau de Moraes com o eventual prolongamento do conflito, não o impedem de louvar o almirante Togo comparando-o a Nelson. A capitulação final de Porto Artur a 2 de Janeiro de 1905 é saudada por evitar a continuação de uma chacina militarmente inútil. Contudo, não parece ter uma visão muito moderna dos combates neste local, pois tende a reduzi-los à dimensão tradicional da guerra de sítio[166]. A hipótese de nova batalha na Manchúria ressurgiria, quebrando o impasse existente devido, em parte às terríveis condições meteorológicas na região[167]. A imobilidade dos dois exércitos foi, finalmente, rompida na batalha de Mukden, motivada por uma contra-ofensiva russa do general Kuropatkine[168]. Todavia, a batalha de aniquilação tão sonhada por todos os seguidores da "escola prussiana" mais uma vez não se verificou. Os admiradores das concepções estratégias de Helmut von Moltke (1800-1891) sentiam-se profundamente frustados apesar do brilhantismo da vitória alcançada em Mukden pelos japoneses:

"Mas vamos aos factos. Travada a batalha, que há de ser considerada na história uma das primeiras, a derrota de Kuropatkine foi completa, mesmo mais do que uma derrota, - uma tremenda catástrofe. As forças japonesas responderam ao ataque com uma fúria maravilhosa, forçando os russos a retirarem precipitadamente, impondo-lhes perdas terríveis, em gente, em material, em víveres; em tudo. Após, diferentes colunas nipónicas romperam as fileiras inimigas, atacando-as pela retaguarda, cortando-lhes o único meio de salvação, que era fugir, expondo-as ao horror de dois fogos. Deram-se assim encontros destacados, do mais mortífero efeito, ficando os russos inteiramente à mercê dos japoneses, que fizeram basta colheita de prisioneiros. Tais encontros ainda prosseguem, bem como furiosas correrias em perseguição dos grupos desbaratados daquilo que se chamou o exército de Kuropatkine, e que já não merece agora este nome. Quando a Mukden, a cidade sagrada, que contém os maravilhosos monumentos tumulares dos ascendentes do actual soberano da

de Guerra (1904-1905) com um prefácio de Vicente Almeida D'Eça, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 254-255.

[164] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão 12 de Dezembro de 1904, ob. cit., p. 261-262.

[165] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão 12 de Dezembro de 1904, ob. cit., p. 262.

[166] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão 5 de Janeiro de 1905, A Vida Japonesa: Terceira série de Cartas do Japão (1905), Porto, Lello Irmão, 1985, pp. 312-313.

[167] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 27 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 362-363.

[168] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 15 de Março de 1905, ob. cit., p. 376-377.

JJCRS.indd 87 14-09-2009 14:05:13

China, consta que os japoneses, por especial deferência pelo vizinho império, escorraçaram dela os russos sem ocupá-la militarmente, gentileza que deve ter sido muito grata a todos os celestes"[169].

O triunfo militar de Mukden não resolveu o conflito, embora fosse um contributo importante para apressar o seu fim[170]. Os insucessos das forças do czar e a aparente desorientação do alto comando russo não deixam os japoneses inactivos. Aproveitando as vantagens obtidas em terra, prosseguem a ofensiva na Manchúria numa clara exploração do êxito obtido em Mukden[171]. Assim sendo, a inexistência de uma batalha de aniquilamento não impediria o colapso militar russo na Manchúria e o próximo final da guerra. Considerava ser impossível ao Czar enviar um novo exército ao Extremo Oriente[172]. As dificuldades sociais e financeiras aconselhariam, do ponto de vista racional, o governo russo a pedir a paz. Contudo, as razões de ordem "sentimental" e a esperança de uma recuperação militar, com o auxílio do orgulho nacional, tornavam esta perspectiva impossível de se concretizar[173]. O receio da paz resulta da ameaça de pôr fim às perspectivas imperiais da Rússia no Extremo Oriente que afectariam o seu prestígio internacional de grande potência militar e naval. A psicose da vingança ou *revanchismo*, nascida do amor próprio ferido não teria consequências tão desastrosas, pois a paz entre o Japão e a Rússia acabaria por fazer desaparecer o ressentimento da derrota. O exemplo histórico mais recente das relações pacíficas entre a França e a Alemanha depois da guerra franco-prussiana de 1870-1871, atestam o bem fundado das suas posições[174]. O prolongamento do conflito tende a exacerbar na Rússia o choque entre o desejo do governo de prosseguir a todo o custo a guerra e a vontade popular, que pede a paz, por não se querer bater por uma causa que não considera sua. A exacerbação desta diferença de opiniões pode ter consequências trágicas, ameaçando as instituições políticas da autocracia czarista[175].

9. O Dragão do mar

No campo de batalha da Manchúria a situação parece não se ter alterado

[169] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 15 de Março de 1905, ob. cit., p. 377-379. Sobre Moltke e a escola prusso-germânica consultar: Aron, Raymond, Penser la guerre, Clausewitz II L'âge planétaire, Paris, ÉditionsGallimard, 1976, p.10 e p. 19-21 e também Rothenberg, Gunther E., «11. Moltke, Schlieffen, and Doctrine of Strategic Envelopment», Paret, Peter, Graig, Gordon A., Gilbert, Felix (ed.), Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age, Oxford, Clarendon Press, 1994, p. 297-299. Ver também Westood, J. N., Russia Against Japan, 1904-05. A New Look at the Russo-Japanese War, Albany, State University of New York Press, 1986, p. 117-136.

[170] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 23 de Março de 1905, ob. cit., p. 395-396.

[171] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 23 de Março de 1905, ob. cit., p. 396.

[172] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 23 de Março de 1905, ob. cit., p. 396-398.

[173] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 23 de Março de 1905, ob. cit., p. 398-399.

[174] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 23 de Março de 1905, ob. cit., p. 399-400.

[175] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 14 de Abril de 1905, ob. cit., p. 22.

JJCRS.indd 88 14-09-2009 14:05:13

significativamente. Os exércitos japoneses de Oyama continuavam a avançar para o norte, enfrentando uma nova concentração das forças do czar em torno de Quirin. A eminência de uma nova grande batalha é previsível, pois a situação dos russos não se revela promissora. Com efeito, existe o risco real de um ataque nipónico à linha férrea, de Karbin a Vladivostoque, e a ameaça do isolamento dos exércitos do czar no Extremo Oriente[176]. Os eventos nas operações terrestres são ultrapassados por novos desenvolvimentos da guerra naval. A súbita aproximação da esquadra russa do Báltico, detectada nas proximidades de Singapura, provoca uma reviravolta, abrindo-se novas perspectivas na luta entre as marinhas dos dois estados. Wenceslau Moraes, de forma clarividente, não acredita que a frota do czar procure um confronto directo com a do almirante Togo, parecendo-lhe mais provável, que procure juntar-se aos navios de guerra existentes em Vladivostoque[177]. A chegada iminente da esquadra do Báltico produz uma alteração estratégica do conflito e compreende-se assim a prioridade que se dá à sua progressão em direcção ao Extremo Oriente. As possibilidades da força combinada da esquadra do Báltico e da esquadra de reforço atingir Vladivostoque sem ter de se confrontar com os navios do almirante Togo parece-lhe improvável[178]. Mas, as transformações operadas pelo inesperado aparecimento da frota russa do Báltico no Extremo Oriente, têm de ter em consideração as condições reais nas quais os combates navais se vão desenrolar. Isto implica, em primeiro lugar, não subestimar as capacidades dos nipónicos, nomeadamente do Almirante Togo:

"O valente Togo, que levou longos meses e sofreu sérios contratempos para reduzir a nada a frota inimiga, vê-se agora com a duríssima missão de cuidar de reduzir a nada mais outra frota inimiga. A tarefa apresenta-se bem árdua para um só homem, no entretanto, parece que os japoneses confiam plenamente em quem acaba de dar tão evidentes provas das suas altas qualidades de marinheiro e de patriota, e na bravura e na ciência náutica das guarnições que comanda."[179].

Em contrapartida as possibilidades dos russos são muito mais sombrias, devido à falta de experiência e de preparação de muitos dos oficiais, à fadiga das tripulações e dos navios e, finalmente, ao facto de boa parte das 60 embarcações serem de transporte[180]. Assim sendo, o equilíbrio de forças inclina-se a favor do almirante Togo que não empreenderá nenhuma acção precipitada e esperará a chegada da frota inimiga, mantendo-se próximo das suas bases, no Japão[181]. As previsões mostraram ser extremamente precisas sobre as "novas tragédias" na guerra naval. A batalha de Tsushima resolveu, definitivamente, as incógnitas sobre o futuro ao saldar-se com a destruição total da esquadra do Báltico, às

[176] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 14 de Abril de 1905, ob. cit., p. 22.
[177] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 14 de Abril de 1905, ob. cit., p. 22-23.
[178] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 14 de Abril de 1905, ob. cit., p. 29.
[179] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 26 de Abril de 1905, ob. cit., p. 39.
[180] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 26 de Abril de 1905, ob. cit., p. 39-40.
[181] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 26 de Abril de 1905, ob. cit., p. 40.

JJCRS.indd 89 14-09-2009 14:05:13

mãos do almirante Togo[182]. O mais importante, de momento, era a percepção que ambos os lados da referida batalha, a começar pelos japoneses. A superioridade científica japonesa, associada a uma superioridade moral, está bem presente na figura exemplar do almirante Togo, o *Dragão do mar* vencedor da batalha de Tsushima. A esmagadora vitória sobre os russos é também o resultado de um "sexto sentido", uma indefinível especificidade da alma nipónica e asiática que alia uma atitude perspicaz e, ao mesmo tempo, fria e criadora.[183] A decepção das forças do czar é enorme perante a acção da esquadra do Báltico em que depositavam as mais elevadas expectativas.[184] Considera que a batalha naval de Tsushima é o acontecimento mais relevante e excepcional nos anais da história mundial.[185]

Segue-se um intróito onde o autor recapitula os principais acontecimentos da longa viagem da esquadra do Báltico, desde S. Petersburgo às portas do Japão e elogia o heroísmo e a determinação dos protagonistas.[186] A coragem do almirante russo e dos seus marinheiros iliba-os das responsabilidades no desastre final, pois as culpas são todas do governo do czar que não teve em consideração as realidades militares que transformaram a empresa num pesadelo. A óbvia ausência de bases próximas, depois da queda de Porto Artur, só deixava ao almirante russo a opção arriscada de alcançar a todo custo a remota base de Vladivostoque na Sibéria Oriental.[187] O esforço sobre-humano exigido à esquadra do Báltico só poderia acabar mal, pois foi exactamente o que aconteceu com a escolha do itinerário para atravessar o estreito da Coreia. A opção pela passagem de Tsushima, por ser o trajecto mais rápido, foi suicida colocando a frota na toca do lobo do almirante Togo, em vez de navegar pelo Pacífico e tentar entrar no Japão pelo estreito de Tsugaru ou de La Pérouse.[188] Segue-se a breve relação das esquadras russa e nipónica, com a descrição dos diversos tipos de navios e a respectiva tonelagem, para concluir pela relativa superioridade da força japonesa sobre a do adversário.[189] Porém, é na análise da própria batalha que Wenceslau de Moraes se mostra mais clarividente, podendo recorrer aos seus conhecimentos profissionais de oficial da armada portuguesa. A descrição da aproximação da esquadra do Báltico ao estreito de Tsushima permite-lhe caracterizar a falta de preparação da frota do czar para o combate, dado que seguia em "simples

[182] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 1 de Junho de 1905, ob. cit., p. 56.

[183] "Finalmente, o Nipão, a pátria estremecida, recolhe dos maravilhosos feitos dos seus filhos frutos de preciosíssimo valor: de ordem moral, bem distinguíveis, de ordem prática, varrendo mais uma vez dos seus mares o poderio inimigo, aumentando a sua esquadra com importantes presas, podendo, enfim, afoitamente encarar a Rússia como um colosso sem marinha !...", Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 1 de Junho de 1905, ob. cit., p. 57.

[184] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 1 de Junho de 1905, ob. cit., p. 58.

[185] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 66.

[186] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 66.

[187] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 66-67.

[188] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 67-68.

[189] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 69.

JJCRS.indd 90 14-09-2009 14:05:13

formatura de marcha"[190]. A imprudência do almirante Z. P. Rozhestvensky (1848-1909) foi fatal por não conseguir escapar à detecção da frota do almirante Togo. A rápida reacção desta traduziu-se num cerco imediato das forças do czar obrigadas de imediato, a travar o combate. Assim sendo, as duas esquadras teriam formado em duas linhas de batalha:

"Se o almirante russo mostrava achar-se perfeitamente ignorante do paradeiro dos navios de Togo, este, pelo contrário, ia sendo minuciosamente informado de todos os movimentos do adversário. As forças navais japonesas achavam-se reunidas, presumidamente, no vasto porto coreano de Masampo. Togo fez os seus preparativos para largar, o que realizou em tempo conveniente, parecendo que uma grande parte da esquadra navegou a dobrar a ponta Sul de Suxima, de modo a apresentar-se em frente do inimigo, enquanto que uma outra parte seguia pelo sul, a fim de cortar-lhe a retirada. Os inimigos, avistaram-se, em breve trecho, os navios russos viram-se cercados pelas forças contrárias, enquanto que enxames de torpedeiros e de *destroiers* surdiam de todos os lados. Um primeiro tiro, disparado pelos russos, foi como que o sinal do combate. As duas esquadras formaram rapidamente em linha singela, não tardando que uma centena de navios, de diversas grandezas, começasse despejando metralha ao som de um rimbombar estrondoso, envolvendo o horizonte numa imensa nuvem de fumo; concorrendo o mar por seu lado, em ondas revoltosas, para dar ao espectáculo um aspecto verdadeiramente medonho !..."[191].

A descrição parece enformar de alguma simplicidade dado que não esclarece a complexa operação realizada pelo almirante Togo que culmina com o clássico "traçar do T", aproveitando as vantagens da maior velocidade dos navios nipónicos e da maior disciplina e habilidade das suas tripulações. Seja como for, retrata de forma realista a desorganização fatal da linha de batalha russa que conduziu ao aniquilamento dos navios dispersos e isolados pela armada inimiga[192]. A noite não acalmou a violência dos confrontos permitindo, aos navios ligeiros da armada do Império do Sol Nascente, desferir o golpe de misericórdia nos barcos inimigos[193]. O amanhecer do dia de Domingo assiste ao colapso final dos sobreviventes da esquadra russa que são destruídos, se rendem

[190] "Quando a esquadra russa apareceu perto dos estreitos de Suxima [Tsushima], apresentava a disposição de três longas linhas paralelas, ocupando uma distância de muitas milhas; a linha interna era composta de navios auxiliares; o almirante em chefe seguia na frente, a bordo do «Suvaroff», e a flotilha dos destroiers ia na retaguarda, convém notar que tal disposição indicava uma simples formatura de marcha, não de combate, parecendo por esta forma evidente que Rodjestvensky estava longe de imaginar que teria em breves instantes de medir-se com as forças do inimigo. Os russos prosseguiam lentamente em longa procissão, segundo a frase pitoresca de um escritor local, a demandar a passagem de leste, entre Suxima e a ilha de Iki, isto na manhã de 27.", Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 69-70.

[191] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 69-70.

[192] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 70. Ver também Westood, J. N., Russia Against Japan, 1904-05. A New Look at the Russo-Japanese War, Albany, State University of New York Press, 1986, p. 136-151.

[193] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 71.

JJCRS.indd 91 14-09-2009 14:05:14

ou fogem. Os sobreviventes alcançam Vladivostoque na Sibéria ou Manila nas Filipinas, mas deixam de estar operacionais e não constituem uma ameaça para a armada do *Dai Nipon*[194]. A surpresa resultante de tão terrível derrota da Rússia ultrapassa os combates contemporâneos recentes entre espanhóis e americanos e eclipsa mesmo a mítica vitória de Nelson em Trafalgar[195]. O colapso da Rússia, como grande potência naval, foi, sem dúvida a surpresa do momento que gerou natural perplexidade em europeus, americanos e asiáticos, incluindo os próprios nipónicos. Assim sendo, importa realizar um balanço final da batalha de Tsushima tentando descrever de maneira mais precisa as razões de ser desta terrível derrota da marinha de guerra do czar[196].

Na sua opinião as razões são óbvias, começando pelo desconhecimento russo da geografia local, pelo mar tempestuoso que afectou o tiro dos navios do czar sem prejudicar o dos japoneses devido ao seu posicionamento na batalha; a diferente composição das duas esquadras favoreceu os nipónicos que dispunham de torpedeiros e *destroyers*, capazes de conduzir uma guerra de desgaste ou de guerrilha contra o inimigo. Trata-se de uma evidente referência às concepções estratégicas da *Jeune École* francesa, mais sensível à utilização de pequenos navios e ao ataque e destruição das linhas de comunicação das esquadras. A maior preparação das tripulações e dos oficiais japoneses foi essencial para derrotar os adversários no confronto entre cruzadores e couraçados das duas frotas. E finalmente a opção errada do almirante Rozhestvensky pela passagem de Tsushima, desconhecendo ter sido detectado pela armada de Togo. No entanto, os factores de ordem física e psicológica pesaram decisivamente no desfecho da luta, pois afectaram negativamente as tripulações russas, devido à enorme fadiga da viagem e ao *stress* do combate. Aliás, nestas observações, nota-se uma compaixão e solidariedade de alguém que experimentou também os rigores e dificuldades das longas viagens por climas exóticos[197]. A causa principal da derrota dos "pobres eslavos delirantes" está no seu "sexto sentido" ou boa sorte dos japoneses impossível de definir de maneira objectiva. Estamos assim perante o triunfo de um elemento irracional que define misteriosamente o futuro dos povos e da Humanidade.

10. O país dos heróis

O Japão é implicitamente o protegido dos deuses ou do destino, movido por forças irresistíveis que se confundem com o devir histórico. A reacção inicial do povo japonês perante a vitória é uma paradoxal explosão de alegria... infantil[198].

[194] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 71-72.
[195] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 72-73.
[196] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 73.
[197] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p. 73-74.
[198] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 8 de Junho de 1905, ob. cit., p.74.

JJCRS.indd 92 14-09-2009 14:05:14

As negociações de paz entre russos e japoneses, em Washington, provocam uma reviravolta nesta simpática e ingénua euforia. A recusa dos diplomatas do czar em ceder as ilhas Sacalinas e em pagar uma indemnização de guerra, provoca forte reacção nacionalista no Japão. As consequências são trágicas, pois saldam-se pelo assassínio do ministro Mori, a tentativa de homicídio do ministro Okuma e a revolta de Satsuma[199]. A aparente revolta do povo japonês não resulta de especial vocação popular para a desobediência, caracterizado normalmente como ordeiro perante o estado. O fenómeno presente resulta do orgulho nacional ferido, depois de tantos sacrifícios feitos durante uma guerra curta mas sangrenta[200]. A desilusão popular aumenta à medida que se aproxima a data da assinatura da paz entre a Rússia e o Japão. O não pagamento pela Rússia da indemnização de guerra, a divisão da ilha Sacalina entre as duas potências e a não fortificação da Coreia da Sacalina e do estreito de Soya pelos japoneses, são consideradas inaceitáveis pelos nacionalistas nipónicos[201]. As reacções do povo só podem ser negativas e violentas perante os factos referidos, entendidos como uma traição dos negociadores e do governo imperial[202].

Wenceslau de Moraes não compartilhava estas opiniões, considerando as concessões dos negociadores nipónicos inevitáveis e indispensáveis para salvaguardar o essencial da vitória: o prestígio internacional como um país de heróis, a posse dos portos de Dalny e Porto Artur, o controlo efectivo do caminho de ferro da Manchúria, regressada à posse da China, o protectorado da Coreia e o domínio efectivo da parte sul da ilha Sacalina[203]. A "fúria popular" é um reflexo, de certo modo irracional, da incompreensão dos meandros complexos da diplomacia e da relações de força, a nível internacional, entre as potências. Nesta perspectiva só lhe resta esperar que, acalmados os ânimos patrióticos, regresse "a paz e a harmonia interna" de que necessitava urgentemente o "Império dos Micados":

"O povo, que não estudou diplomacia, que ignora como muitas vezes um sorriso e uma palavra doce, nos centros políticos, sintetizam uma imposição irresistível, revolta-se contra o que ele classifica de fraqueza por parte dos delegados do seu país, na redacção final do tratado de paz. Diz-lhe a consciência, e não lhe mente, que os duríssimos sacrifícios da Pátria, que a perda de tão elevado número dos seus defensores, de que o próprio povo se enlutou – filhos, irmãos, pais e maridos – merecia uma mais larga compensação por parte do vencido. A fúria popular, que só agora rebenta – pois durante toda a guerra até a ínfima plebe se mostrou sempre digníssima e pronta para todos os sacrifícios – reveste-se agora de uma alta significação simpática: a afirmação do carácter nacional."[204]

[199] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 30 de Agosto de 1905, ob. cit., p.133.
[200] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 30 de Agosto de 1905, ob. cit., p.133.
[201] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão 15 de Setembro de 1905, ob. cit., p.142-143.
[202] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão 15 de Setembro de 1905, ob. cit., p.142.
[203] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão 15 de Setembro de 1905, ob. cit., p.148-149.
[204] "Confiemos, porém, em que a exaltação se aclame sem demora, mesmo porque é de paz e de

JJCRS.indd 93 14-09-2009 14:05:14

O regresso da tranquilidade ao Japão acaba por se verificar, atestando a progressiva compreensão do povo nipónico das vantagens obtidas nas negociações de paz[205]. A acalmia das emoções populares não deixa o Império do Sol Nascente numa boa situação política e económica, pois as dificuldades que tem de enfrentar não podem ser satisfeitas pela indemnização de guerra da Rússia que não foi obtida nas negociações de paz[206]. O balanço das perspectivas futuras do Japão é mais optimista do que o da maioria dos observadores por contar só com as capacidades inatas do povo nipónico:

"Valeu, pois, talvez mais ao Japão que se pusesse de parte a questão de dinheiro; o seu cavalheirismo meticuloso, o *Yamato Damashio*, fica assim mais desafogado perante a própria consciência; e da impreterível necessidade que se impõe ao país de aumentar em alta proporção a riqueza pública – o que só pode suceder pelo aumento do trabalho – resultará, convençamo-nos, um extraordinário desenvolvimento de energias individuais, mais do que suficiente para poder fazer face aos novos encargos do Estado. Já ouvi dizer a alguém que, debaixo do ponto de vista financeiro, o Japão vai transformar-se em breve período em uma colónia britânica... O Japão? Não lho consentirá o seu feitio."[207]

A recuperação do Japão depois do desgaste da guerra, da qual emergiu vitorioso, é impossível de negar. A evidência deste facto torna inverosímil qualquer cedência, por parte do Império do Sol Nascente ao Império Britânico, de que se tornou aliado através de um tratado.

11. A nova Rússia

O destino do outro beligerante é mais difícil de prever, devido à terrível derrota sofrida no decorrer da guerra. Os problemas sociais parecem pesar, de forma constante, na evolução do estado czarista, acentuando-se com o desencadear das hostilidades e as sucessivas derrotas[208]. A Rússia parecia fadada para um desastre, sendo definida socialmente como um vulcão prestes a acordar[209]. As dificuldades do "império eslavo" para dominar a crescente revolta interna do seu próprio povo contribuirá sem dúvida para apressar as negociações de paz. Se isto não acontecer o futuro apresenta-se negro para o czar, pois a "guerra civil", a "anarquia" destruirão o estado. A grande incógnita reside em adivinhar o que sairá do triunfo do povo em nome da "liberdade", num país etnicamente tão complexo, religiosamente tão diverso e politicamente tão diferente:

harmonia internas que no momento actual mais carece o Império dos Micados, afim de poder elevar-se, tão depressa quanto possível, à verdadeira apoteose dos seus destinos.", Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão 15 de Setembro de 1905, ob. cit., p. 149-150.

[205] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 27 de Setembro de 1905, ob. cit., p. 151.

[206] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 26 de Outubro de 1905, ob. cit., p. 175-176.

[207] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 26 de Outubro de 1905, ob. cit., p. 176.

[208] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 15 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 349.

[209] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 27 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 364-365.

JJCRS.indd 94 14-09-2009 14:05:14

"É assim que a iniciativa das propostas de paz pelo lado da Rússia se anuncia não só coisa possível, mas até provável; e nisto confiam muitos daqueles que se interessam pela tranquilidade do Extremo Oriente. Se depois o governo russo disporá de meios suficientes para sustentar a revolta interna, agora incipiente, isto é uma outra questão. Quem poderá ser profeta? Pode muito bem acontecer que esta guerra tremenda, provocada unicamente pela má e orgulhosa política dos governantes do impérios eslavo, duplamente lhes seja funesta, como um gládio de dois gumes, trazendo-lhes por um lado a derrota e o desprestígio, por outro lado a guerra civil, a anarquia, o desmoronamento final das instituições do Estado. O povo, o povo imenso, esse não sucumbirá. Mas que poderá resultar do fermento, da convulsão da nação em massa, onde tantos elementos étnicos pululam, animados por diferentes credos, por diferentes aspirações, por agora sintetizadas na doce palavra – Liberdade?... A tempestade extremo-oriental apresenta-se hoje cruel; mas, quanto mais carrancudo e ameaçador se vai mostrando o horizonte dos lados do Ocidente, a despeito de todos os hinos de paz e de confraternização, com que se vão deleitando os ouvidos dos simples !..."[210].

A explicitação das fragilidades da sociedade russa remete em primeiro lugar para a análise da alma russa interpretada como uma mulher histérica e neurótica[211].Assim sendo, a Rússia inteira é esta pátria-mãe cheia de degenerados como Tosltoi[212]. Wenceslau de Moraes, seguindo aqui mais uma vez Max Nordau, aproveita para criticar de forma agressiva a oligarquia czarista, considerada, essencialmente, patológica: "dirigentes opressores", "popes fanáticos", "mujiques imbecis" e "filósofos alucinados". A degenerescência das elites russas permite compreender as razões da derrota do exército, a partir da oposição fatal entre os oficiais e os soldados. Os primeiros pertencem a uma casta privilegiada de ineptos e os segundos ao povo ignorante para os quais a noção de pátria não tem qualquer sentido. Aliás, a pátria ou nação não existe propriamente na Rússia, pois a população não dispõe de unidade linguística, cultural e étnica[213]. A visão

[210] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 27 de Fevereiro de 1905, ob. cit., p. 365-366.

[211] "Caiba aos sábios, por direito, o estudo meticuloso e documentado da alma russa, desse imenso povo, que uma série de tremendas catástrofes está hoje tornando tão interessante, no campo da psicologia e da sociologia. Eu, simples e obscuro impressionista, acariciador da quimera, arquitecto do sonho, não saio das restritas barreiras que demarcam o alcance da minha visão, limitando-me para o assunto em invocar a recordação emocionante de uma mulher que conheci. (...) Perdida sem remédio para todas as actividades serenas, para os gozos tranquilos do lar e da família, eu via nela, na sua mísera constituição de degenerada, o efeito tremendo da fatalidade mórbida do clima natal, da luta incongruente de miríades de disparatados atavismos ancestrais, para não dizer de miríades de disparatadas vidas vividas naquela enorme pátria de incongruências e de disparates !...", Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 13 de Julho de 1905, ob. cit., p. 95-96.

[212] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 13 de Julho de 1905, ob. cit., p. 96-97.

[213] "O exército russo, florescendo por mui longos anos à sombra de um prestígio de papão que o colosso logrou criar-se no mundo ocidental, é constituído na sua grande maioria, segundo as melhores opiniões, por oficiais ineptos, ignorantes de tudo, desregrados, roídos de invejas, e por uma enorme massa ignorantíssima de soldados, absolutamente alheios ao mister que a pátria entende exigir deles. Pátria? Nem mesmo esta denominação pode em rigor ser empregada, tratando-se de uma multidão de quase escravos, divididos por tradições particulares a cada grupo, pela linguagem,

JJCRS.indd 95 14-09-2009 14:05:14

negativa do autor das elites russas mantém-se constante nas suas observações sobre a guerra russo-japonesa (1904-1905), testemunhando ao mesmo um notável desprezo pelas capacidades da "grande massa"[214]. O estudo da mentalidade colectiva restringido à análise da opinião culta, através da leitura dos jornais, revela, de imediato, um enorme distanciamento entre a realidade e as fantasias dos "cérebros eslavos"[215]. O patriotismo russo levado ao extremo e marcado por um *revanchismo* face ao Japão, induz um delírio colectivo no povo que se corporiza no tema da *Rússia Nova* portadora das esperanças milenaristas da ressurreição imperial da Rússia:

"Não vos parece que sonhais um disparatado sonho, como sucede quando a febre vos escancara as portas do mundo delirante da quimera?.. Ou então não sois forçados a concluir que essa mentalidade eslava representa o mais estupendo fenómeno psíquico que jamais uma nação em peso ofereceu ao pasmo do universo?... Sim, confiemos em que a harmonia potencial dos destinos reserva sem dúvida a esse solo russo meritórias afirmações; confiemos em que uma *Rússia Nova* surgirá, cedo ou tarde; mas terá de surgir das cinzas da *Rússia Velha*, tisnada até à última parcela, porque o que existe denuncia-se fatalmente inútil ou nocivo; mas do povo novo, livre de tradições e de preconceitos, é cedo ainda para lhe vaticinarmos a sentimentalidade e a índole da sua colaboração no seio da grande família humana..."[216].

As expectativas na *Nova Rússia* só são credíveis se nascerem da ruptura com a *Velha Rússia*, implicando uma revolução social. Contudo, o futuro, depois desta anunciada revolução, é ainda uma incógnita, desconhecendo-se as disposições populares após a hipotética realização destes dramáticos eventos. Os problemas, de momento, referem-se ainda à *Velha Rússia* que resiste às propostas de paz[217]. Modera, posteriormente, as suas posições sobre esta matéria ao reconhecer, implicitamente, a debilidade do movimento de revolta interna que, na realidade foi esmagado em 1905. Este facto explicaria a atitude sobranceira dos delegados russos, nas negociações de paz com o Japão e a passividade, ou apatia da "alma eslava", passível de ser manipulada pelo poder[218]. Nesta perspectiva compreende-se que a Rússia considere ter-se saído muito bem da guerra, apesar de todos os desaires e humilhações que sofreu[219]. A esperança na queda da autocracia continua

pelos costumes, pelas crenças, pelos elementos étnicos, sem coesão alguma íntima.", Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 18 de Agosto de 1905, ob. cit., p. 126.

[214] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 30 de Agosto de 1905, ob. cit., p. 134.

[215] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 30 de Agosto de 1905, ob. cit., p. 135.

[216] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 30 de Agosto de 1905, ob. cit., p. 135-136.

[217] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 30 de Agosto de 1905, ob. cit., p. 136.

[218] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão, 15 de Setembro de 1905, ob. cit., p. 147-148.

[219] "A Rússia, é verdade, não pagou a indemnização de guerra; e lá está agora a rir-se, muito contente, como um contrabandista que acabasse de passar um almude de azeite, sem pagar os devidos direitos. Deixemo-la no gozo desta consolação, justa, enfim, como íntimo lenitivo do tremendo baque que acaba de sofrer no seu prestígio e nas suas aspirações de colosso; riso que, para mais, poderá bem ser de efémera duração, tendo em vista a circunstância do vírus mórbido que se alastra na sua constituição social e já se oferece como um prognóstico terrível de futuras derrocadas.", Moraes,

JJCRS.indd 96 14-09-2009 14:05:14

a perdurar no espírito de Wenceslau de Moraes que considera o império do czar corroído por uma "gangrena" fatal[220]. A insubordinação militar de Vladivostoque, dando origem a uma horrível massacre de militares e civis, parece-lhe ser o início de uma rebelião mais vasta, abrasando primeiro a Sibéria e depois todo império do czar[221]. O colapso da disciplina militar na guarnição russa da Sibéria é o prenuncio da desintegração da coesão das forças armadas russas e sinal de um perigo maior, resultante do regresso de dezenas de milhares de prisioneiros de guerra prontos para se juntarem à rebelião generalizada em todo o império[222]. A compreensão do papel central desempenhado pelo exército na sobrevivência do regime político imperial na Rússia, é sem dúvida, premonitório, pois prevê o que poderá acontecer no futuro, se uma terrível derrota militar se conjugar com uma insurreição popular interna, gerando o colapso do regime czarista. Algo que, apesar de tudo, o autor teria de esperar ainda doze anos para confirmar os seus piores pressentimentos sobre o destino trágico do império eslavo.

As suas observações sobre a guerra russo-japonesa (1904-1905) não se limitaram a uma descrição dos combates, ou a uma análise geopolítica das forças em presença no Extremo Oriente. Na verdade, transpôs para o plano das suas reflexões, boa parte do seu ideário e das frustações pessoais com uma pátria amada mas distante. Contudo, foi capaz de transcender os seus pensamentos de Ocidental, fazendo sobressair os valores de uma civilização diferente na qual projectou os seus sonhos mais íntimos. Assim sendo, ao lermos as suas "Cartas do Japão" confrontamo-nos com uma personalidade rica e sofisticada, que ao analisar os factos do conflito, se liberta dos preconceitos culturais de Europeu, permitindo-lhe compreender as novas realidades que emergem no Extremo Oriente em torno do despertar da Ásia e, paradoxalmente, do prenúncio da queda da velha autocracia russa. A consciência do mundo novo que nasce nos princípios do século XX é o mais fiel testemunho das suas origens nacionais. A figura, sempre presente na sua obra, de Fernão Mendes Pinto revela a sua ligação à terra mãe, na qual os espíritos aventureiros, heterodoxos ou simplesmente irrequietos encontram a verdadeira pátria. Não o Portugal cansado e decadente dos finais da monarquia, mas o país que sonha uma outra realidade mesmo que esta seja tão estranha como o Oriente renascido, do início da época contemporânea.

Venceslau de, Cartas do Japão 26 de Outubro de 1905, ob. cit., p. 175. Sobre esta problemática consultar Carr, E. H., História da Rússia Soviética. A Revolução Bolchevique 1917-1923, 1.º Vol., Porto, Afrontamento, 1977, p. 15-87.

[220] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão de 2 de Novembro de 1905, ob. cit., p. 186-187.

[221] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão de 2 de Novembro de 1905, ob. cit., p. 187.

[222] Cfr. Moraes, Venceslau de, Cartas do Japão de 2 de Novembro de 1905, ob. cit., p. 187.

JJCRS.indd 97 14-09-2009 14:05:14